

Letras e Artes

Domingo, 20-8-1950

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Ano 4.º — N.º 175

DURANTE séculos, no mundo inteiro, a poesia foi um dos elementos da pintura. E, mais do que isto, em certas épocas, a pintura passou a constituir, para ela, o meio privilegiado de ação. Morto Dante e não nascido, ainda, Shakespeare — que são os poetas da cristandade diante de Piero della Francesca, de Angelico, de Botticelli, de Piero di Cosimo, de Leonardo, de Ticiano, de Miguel Angelo? Que versos contemporâneos de Watteau serão dignos dele?

A distinção que hoje se faz entre os processos específicos da pintura e seus meios poéticos é tão artificial como a que se estabelece entre forma e conteúdo. Houve aí indivisível domínio. E' pela poesia que as cores de Leonardo são "dispostas numa certa ordem". "A pintura — escreve ele — é uma poesia que se vê".

E, até Delacroix, a própria idéia de grande pintura foi associada à de poesia. Poder-se-ia crer que Duccio, Giotto, Fouquet, Grunewald, os grandes renascentistas italianos, Velasquez, Rembrandt, Vermeer, Poussin — e a Ásia — tivessem conhecido a poesia por descuido?

Quando os contemporâneos nossos pretendem proscrever a poesia da pintura, o que eles proscrevem, na verdade, é a pintura de assuntos, em particular a do século XIX, isto é, o realismo do imaginário; a submissão da pintura a um espetáculo romanesco ou sentimental, muitas vezes ligado à história. Assinalei, já, que ela rejelta o Napoleão na estrada lamacenta do "1814", de Meissonier, e não o "Vieux Roi", de Rouault. Se os assuntos de 1850 são sucedâneos, é porque, longe de ser suscitados pela arte dos que os pintam, constituem modelos a que essa arte se submeteu, supostamente. Ticiano não "reproduzia" espetáculos imaginários: arrancava Venus à noite de Cadore.

Em vez de excluir a poesia da pintura, seria preferível observar-se como toda grande obra plástica lhe é ligada. Já a



Aline, a mulata — DELACROIX

PINTURA E POESIA

ANDRÉ MALRAUX

descobrimos nas naturezas mortas de Braque, tanto quanto nas fêries de Chagall. Quando um realista tem gênio, ela o encontra sem que ele a procure. Como não sentir a poesia de Vermeer, de Chardin, ou

mesmo de Brueghel e dos grandes Courbets? Pretendemos só admirar a cor, em Jerônimo Bosch, em Ticiano; mas essa cor é um meio de expressão da poesia desses pintores; para separarmos cor e poesia, no caso,

seria preciso admitir que a arte deles fosse uma técnica da representação. Por mais realista que pareça, ela une o "Escamoteador" às "Tentações"; as árvores do melhor Ticiano pertencem também à

féerie. Ora a féerie de Ticiano não é acrescentada à sua pintura: é menos apartável dela quanto o fantástico o seria da pintura de Bosch. E ela não procede do gosto de Venezia como a escrita de suas composições decorativas: nasce somente de sua arte. Isso se torna evidente com o desenvolvimento da reprodução, e com a circulação das obras primas que são emprestadas para as exposições de conjunto, porque a cor, mais do que o desenho, foi o meio de expressão da poesia. Em "negro", Ticiano, um dos maiores poetas do mundo, muitas vezes não será mais do que um mestre da tapeçaria. Sem dúvida haverá, dentre os nossos pintores, os que dizem preferir um Ticiano sem Venus. Isso significa que desejariam naturezas mortas onde Venus foi tão presente quanto no Prado, mas onde eles não a reconheceriam. Como se Laura Di Dianti, Venus e Adonis, a Calipso, de Viena e até A Ninfa e o Pastor pertencessem ao mundo de Cézanne ou de Renoir! Não será apenas a diferença entre duas palhetas o que separa os retratos de Rembrandt de quase todos os de Hals? E também o que separa os "Regentes" dos "Arcabuzeiros"?

Dessa espécie de poesia, a pintura sempre foi pelo menos cúmplice, e a pintura religiosa não o foi menos do que a nossa. E, da Renascença a Delacroix, tornou-se mais do que cúmplice: ligou-se a ela como se tinha ligado à fé. Leonardo, Rembrandt, Goya procuram e descobrem a expressão poética, tanto quanto a expressão plástica, e muitas vezes ao mesmo tempo; os enforcados de Pisanello, o longínquo noturno de Leonardo, o longínquo noturno de Bosch, a luz de Rembrandt, os fantasmas de Goya pertencem a uma e outra. A "Rainha de Sabá" é suscitada pela arte de Piero, o "Filho Pródigo", pela de Rembrandt, "Cythère" pela de Watteau, as "Aparições" pela de Goya. Essa arte é poesia, do mesmo modo que uma planta floresce.

BALZAC VISTO POR MARCEL PROUST

UMA PÁGINA INÉDITA DO AUTOR DE "ALBERTINE DISPARIU"

A MAGNIFICA página de Marcel Proust sobre Balzac, que aqui oferecemos aos nossos leitores, foi divulgada há pouco pelo "Figaro Littéraire", e pertence aos escritos inéditos do autor de "A la recherche du temps perdu", em poder de Mme. Germaine Monte-Proust.

Não precisamos encarecer o mérito dessa página, em que Proust revela o senso crítico penetrante que nele prevalecia juntamente com as faculdades criadoras do romancista.

Balzac, possuindo sob certos aspectos, um estilo inorgânico, poder-se-ia crer que não procurou objetivar a linguagem dos seus personagens, ou quando a tornou objetiva não pôde deixar de acentuar, a todo momento, o que ela continha de particular. Ora, dá-se justamente o contrário. Esse homem que revela, ingenuamente, seus pontos de vista históricos, artísticos etc., esconde seus mais profundos propósitos e deixa fazer por si mesma a verdade na linguagem dos seus personagens, procedendo de maneira tão sutil, que essa verdade pode passar despercebida, não procurando o romancista em nenhum detalhe assinalá-la... O próprio Lucien de Rubempré, em seus apertes, tem exatamente a austeridade vulgar, o hábito da modéstia inculca que deve agradar a Vautrin. "Então, pensou Lucien, ele conhece o jogo" "Ei-lo encaixado".

Na realidade, Vautrin não é o único a interessar-se por Lucien de Rubempré. Oscar Wilde, a quem a vida deveria ensinar mais tarde que há dores mais pungentes que as que nos dão os livros, dizia, na sua pri-

meira fase (a fase em que ele afirmava: "Só depois dos poetas 'takistas' passou haver neblina no Tamisa): "O maior desgosto de minha vida? Foi a morte de Lucien de Rubempré, em "Esplendores e misérias das cortesãs".

Existe, aliás, algo de particularmente dramático nessa predileção e nesse enternecimento de Oscar Wilde — no tempo de sua vida brilhante — pela morte de Lucien de Rubempré. Sem dúvida, o poeta enternecia com ela, como todos os leitores, colocando-se no ponto de vista de Vautrin, que é o ponto de vista de Balzac. E Wilde era um leitor particularmente escolhido e eleito para adotar semelhante ponto de vista, muito mais do que a maioria dos leitores. Não podemos deixar de pensar que, alguns anos depois, seria, o próprio Wilde, Lucien de Rubempré. E o fim de Rubempré, na Conciergerie, vindo toda sua existência mundana desmoronar-se ante a prova incontestável de viver ele na intimidade de um forçado, não era senão a antecipação — desconhecida, é verdade, de Wilde — do que devia precisamente acontecer a ele, Wilde.

Nessa última cena da Tetralogia de Balzac (pois em Bal-

zac raramente o romance constitui a unidade; a obra é construída num ciclo de que um dos romances representa sempre apenas uma parte) cada palavra, cada gesto, possui certos "dessous" sobre os quais Balzac não adverte o leitor e que são de uma profundidade admirável. Revelam uma psicologia tão sutil, nunca observada em ninguém, a não ser em Balzac, que se torna muito delicado indicá-los. Mas tudo, desde a maneira pela qual Vautrin detém no caminho Lucien, a quem não conhece e cujo físico somente poderia interessá-lo, até os gestos involuntários pelos quais ele lhe toma o braço, etc., não trai o sentido diferente e muito preciso das teorias de domínio com que o falso Herrera mascara aos olhos de Lucien e talvez aos dele próprio um pensamento inconfessável? O parentesis a propósito do homem que tem a mania de comer papel não é um traço de caráter admirável de Vautrin e de todos os seus semelhantes, uma de suas teorias favoritas, por onde se deixa escapar algo de um pensamento secreto?

O mais belo, porém, sem contestação, é o maravilhoso trecho em que os dois viajantes passam pelas ruínas do castelo

de Rastignac. Chamo a isso a "Tristesse d'Olympio": "Ele quis rever o tanque perto da fonte". Sabe-se que Vautrin, na pensão Vauquer, no "Père Goriot", teve, inutilmente, sobre Rastignac, o mesmo propósito de domínio que alimenta agora com relação a Rubempré. Fracassou, mas nem por isso deixou de envolver-se na vida de Rastignac. Vautrin fez com que assassinassem o filho de Taillefer para levar Eugénie a desposar Vitorina. Mais tarde, quando Rastignac torna-se hostil a Rubempré, Vautrin, mascarado, recorda-lhe-á certas passagens da pensão Vauquer e constrange-lo-á a proteger Lucien. Mesmo após a morte de Lucien, Rastignac várias vezes terá encontros com Vautrin em vias escusas.

Tais efeitos não são possíveis senão graças a admirável invenção de Balzac em haver conservado os mesmos personagens em todos os romances. Assim um raio partindo do fundo da obra, passando por toda uma vida, pode vir a tocar, com seu clarão melancólico e perturbador, aquele castelo de Dordogne e a parada dos dois viajantes. Sainte Beuve não compreendeu absolutamente nada desse processo de conser-

var os mesmos personagens; "Essa pretensão conduziu-o finalmente a uma idéia das mais falsas e das mais contrárias ao interesse da obra; refiro-me à idéia de fazer reaparecer, sem cessar, de um romance para outro, os mesmos personagens, como comparsas já conhecidos. Nada poderia enriquecer mais a curiosidade produzida pelo novo e o encanto do imprevisto, que constitui o atrativo do romance. Encontramos-nos sempre, no fim de todas as jornadas, ante os mesmos rostos".

E' a idéia genial de Balzac, inteiramente despercebida por Sainte Beuve nesse julgamento. Poder-se-á dizer, sem dúvida, que ela não ocorreu a Balzac ao iniciar a "Comédia Humana". Certas partes desses grandes ciclos não se ligaram senão mais tarde. Que importa? "O encantamento de Sexta-Feira Santa" é um trecho escrito por Wagner, antes dele haver pensado em compor o "Parsifal", e depois introduzido nesta ópera. Mas os acréscimos, as belezas incorporadas posteriormente, as contribuições novas apreendidas pelo gênio entre as partes separadas de sua obra, e que se juntam, vivem e não poderão mais separar-se. Não estarão aí as mais belas das intuições? A irmã de Balzac disse-nos da alegria por ele experimentada no dia em que teve essa idéia e eu a julgo tão grande, tal como se a idéia lhe ocorresse antes de começar a obra. Foi um raio a surgir e vindo pousar nas partes até aí páldas da sua criação, unindo-as, fazendo-as viver, iluminando-as; mas esse raio nos deixou por isso de partir do pensamento do autor.

ELE ficara com um cigarro preso nos beiços, às vezes apagado, balançando-se na rede, até tarde. Seu quarto era como os demais da pensão: pequeno, o assalho rajado de manchas, o tabique e a parede lambuzadas de uma cor amarelada. No telhado, uma claraboia permitia a filtragem de uma toalha de luz. Muitos pregos cravados na parede sustentavam as roupas que enforcavam roupas. No lugar da cama levantavam-se pilhas de jornal, ao lado, uma mesinha suportando a moringa e uma dúzia de livros.

Não consentia que a empregada fizesse a limpeza, e aos sábados ele buscava uma vasoura, enxotando do quarto as pontas de cigarro, as pucumas que desciam das telhas.

Tipo esquisito, de esqueleto enorme e sisudez desproporcional. Nunca falava com os outros hóspedes.

— Seu Salustiano, o senhor quer tomar café?

Ele resmungava qualquer coisa e ia sentar-se à ponta da mesa. Seus olhos quase não se moviam nas órbitas profundas, sempre fitando um ponto, qualquer coisa que o alheiasse das conversas. Todos na pensão estranhavam a atitude dele. Zézé era a única, que por não entender, ia sorrir-lhe, mostrar-lhe os bonecos quebrados, puxar-lhe pelo paletó, salientando os dentinhos alvos, os olhos rasgados como os de um chinês. Ele continuava mastigando o pedaço de pão, segurando a chicara com uns dedos comprimidos, magros. Depois, descia os quatro lances da escadarias e somente regressava à boca da noite para engulir outra chicara de café, trançar-se no quarto e ficar fumando e lendo.

A rede, então, começara a ranger. Uma, duas, três horas, até de madrugada. D. Manda ficara apreensiva, mesmo nervosa, ouvindo os armadores cantarem vai-vens bem nitidos na calma da noite. D. Manda rebolava na cama, mudava de posição, ia à sala de jantar beber dois dedos de água, enquanto a sua côr rosada cedia lugar a uma palidez que chegava a lembrar a de Salustiano. Durante o dia D. Manda pas-

sava cochilando pelos cantos, esmurrada.

x x x

Naquela noite Salustiano não tomou café. Chegou da rua com as feições congestionadas, os olhos vermelhos se fechando sobre umas palpebras crescidas. Deu duas voltas na chave e caiu na rede como a coisa mais insignificante do mundo.

Escondeu as mãos sob os cabelos e começou a olhar para o canto da parede como se estivesse vendo alguém. No banheiro, um pingo, em seguida outro, esborrachava-se no ladrilho, caindo do chuveiro, cadenciado. A penumbra que se fazia no quarto vinha de uma luz distante. Talvez da cozinha. Apesar de ser hora de jantar, poucas falas vibravam na pensão. Salustiano percebe que noite horrível irá ser aquela. Insônia? Pesadelo? Talvez uma cólica hepática. Para Salustiano, o canto da parede fotografava Constantino se lastimando, dizendo-lhe o número dos filhos, balançando a cabeça antes de as palavras brotarem de dentro de soluços.

— Quase dez anos, Salustiano. Faltavam somente vinte dias para eu ficar efetivo. Sempre cheguei na hora, mesmo morando como ainda estou, no suburbio. Levantava-me ainda com sono para pegar o primeiro bonde. Nem uma carta de recomendação me deram.

Salustiano ficara com os dedos suspensos sobre o teclado da máquina, querendo melhor compreender o que Constantino dizia — Quando o despediram? — a voz de Salustiano saiu abafada.

Hoje. Indagorinha. — E Constantino continuou falando da mulher, dos nove filhos, enquanto amassava o gorro da Companhia entre as mãos.

Salustiano não pôde trabalhar o resto do dia. Deixou o escritório alegando coença e dirigiu-se para o cais do porto. Ficou sentado no atracamento,

M E D O

Conto de BRENO ACCIOLY

as pernas dependuradas para o oceano, imaginando. O armazem 2 deserto; ao largo alguns vapores fumegavam. Toda a tarde Salustiano passou fitando o oceano, parecendo ouvir os soluços de Constantino — virem com a brisa. Não se lhe moveram os lábios uma só vez, sequer. Estalavam-lhe na cabeça os miolos enquanto a sua imaginação assassinará, um por um, os diretores da Companhia que demitiram Constantino. Batiam-lhe os dentes como se o seu rosto estivesse com febre; as mãos se apertavam, nervosas.

Sempre de cabeça baixa, o esqueleto emborcado, Salustiano não podia divisar as nuvens altíssimas.

Salustiano, via, sim, Constantino desempregado, apertando o gorro da Companhia, frisando o número de filhos, soluçando diante, a voz rouquenha lastimando-se compassada.

— Faltavam vinte dias para eu ficar efetivo, Salustiano. Sempre eu fui um bom empregado. Tenho de começar outra vida. E as lágrimas molharam-lhe a face, as rugas do rosto de Constantino lembrando veios de intermináveis fontes.

Salustiano continuou a movimentar aquela cena. Parecia ver Constantino atirando-se sobre a mulher, esbordoando os filhos, procurando desanuviar a sua enorme mágoa aos sócos e ponta-pés; algum vizinho tentando acalma-lo, dizendo conselhos para um homem diferente que ainda ontem suava trepando nos postes altos, consentando fios elétricos. Um outro Constantino, de temporas grisalhas, beirando os quarenta, apontado, para ser um vagabundo, ficar depois vivendo num presidio. E Salustiano não sentiu a frieza que desceu com a noite. A fumaça que os vapores derramavam se esgarçava, perdia-se. O primeiro guarda começou a vigiar as sombras do cais. Salustiano tinha os membros dormentes das

horas que ficara sentindo a brisa, sentado no atracamento, prevendo misérias na vida daquele homem. As águas começaram a voltar, os arrecifes ficavam submersos. As estrelas desciam com a faixa de luz do Farol de Olinda. O guarda passeava, parando, andando de novo, vendo um vulto na noite. Os vapores fumavam para o céu.

x x x

Imóvel, olhando para o canto da parede Salustiano está com o corpo emborcado dentro da rede, as mãos engulidas pelos cabelos. A luz apagada deixa uma penumbra vir de fora. Os pingos do banheiro continuam caindo, sistematicamente caindo. Cadenciados. Por que não deixaram Constantino empregado? Por que aquela demissão sem motivo, quando faltavam, apenas, vinte dias para ele ficar efetivo? Salustiano não compreendia tamanha injustiça, achava tudo aquilo absurdo, nem a sua íntima pergunta sabia responder.

Noite de muitas estrelas e o vento corria ligeiro convidando a uma caminhada solitária.

No andar terreo, entre latadas de croton, um condutor de bonde chama das cordas de um violão alguma coisa que lembra. Nos pés da espreguiçadeira do condutor as duas filhas brincam! Lá fora, a rua estende-se silenciosa, mesmo sepulcral, como se tudo no mundo estivesse certo.

Bem que Salustiano pensou numa cólica hepática. Sente a dor chegar de manso, depois todo o fígado arder em plena inflamação. Levanta-se da rede, deixa o quarto e vai até à sala. Quase não anda. Arrasta-se. O fígado doído força-o a dar uns passos curtos, abrir mecanicamente as pernas como se elas estivessem aleijadas. A perna esquerda arrasta-se. O rosto reflete a dor interna com a pressão dos dentes no labio inferior. D. Manda estava fazendo croché e levantou-se afli-

ta quando olhou para ele: — seu Salustiano, o que é isso? — E não disse mais nada. De pé, ela assemelhava-se a uma múmia, pela ausência de sangue, as rugas imóveis cortando-lhe profundamente as bochechas, a cabeça luzindo naquelela brancura, uma forma de gesso. Depois, as pontas dos dedos começaram a tremer enquanto cansado o corpo sentara-se na cadeira mais próxima. Salustiano também se sentou e viu que aqueles soluços traziam consigo muita dor, além de lágrimas que lhe lavavam as rugas, desciam-lhe pelos braços feitas cordão. Por fim, Salustiano falou a D. Manda. A voz rouquenha, compassada.

— D. Manda, a senhora pode me dar uma dose de homeopatia para o fígado? Não é nada não. Somente o fígado está doendo. D. Manda não respondeu. Levantou-se ainda tremendo e voltou da salinha da copa com uma tintura avermelhada em dois dedos de água. Depois de beber a tintura de jurubeba, Salustiano largou um riso para D. Manda e claudicando parou à janela.

Fazia-lhe bem aquele ar puro.

O condutor maltratava as cordas. As duas meninas deixaram as bonecas espalhadas sobre a esteira e foram deitar-se com o chamado da mãe. As latadas de croton balançavam as folhas verdes, o céu enchia-se de olhos, estrelas acordando, e o vento lembrava uma mão acariciando o mundo.

Salustiano baixa os olhos e vê no terraço do andar terreo o condutor fazendo musica, com uma camiseta de algodão e a calça que vai trabalhar amanhã, o condutor esquecia-se das duas filhas, da mulher franzina que lava e engoma para os pensionistas do primeiro e segundo andar. Nas noites de folga ele remoja as serenatas, tocando sozinho, trauteando, a voz detendo-se numa doçura. O violão lembra enquanto nuvens passam e o sono custa a chegar. Salustiano ouve a melodia que sobe mais fraca, mais doce. Sons ternos saltam daquelas notas e todos eles chegam aos ouvidos de Salustiano como a

(Conclui na 8.ª pag.)

Fonética e poesia ou o "Retrato Natural" de Cecília Meireles

JOÃO GASPAR SIMÕES

NAO estaremos nós, portugueses, a ler mal a poesia brasileira? Será tão pouco importante hoje em dia a fonética da língua em que os poetas do Brasil se exprimem que nos seja licito ler os seus versos como lemos os nossos — com a nossa fonética surda, as nossas sílabas fechadas, o empastamento próprio da nossa dicação, cuja tendência é, talvez, uma das razões da nossa fidelidade à tradição métrica clássica: medida rigorosa, acento definido, obscura marcada, rima soante?

A publicação recente em França do livro de André Spire, "Piaisir Poétique et piaisir musculaire," onde se pretende demonstrar a interdependência estrita entre o significado poético do verso e os movimentos musculares que ele determina no aparelho fonador, permite-nos refletir sobre o problema, uma vez que, esclarecido ele, talvez se pudesse vir a desfazer certos mal entendidos que se levantam entre a crítica portuguesa e a poesia brasileira.

Evidentemente que a tese de André Spire, aliás apresentada já, antes dele, pelo Padre Marcel Jousse, tem a cara de quantos especialistas se dedicam a estudos fonéticos, não é, quanto a mim, tese de resultados seguros senão na medida em que pode vir a confirmar os juízos de gosto ou de intuição. Num século de apoteose da técnica, século em que se pretende tudo demonstrar por fórmulas matemáticas, admite-se, como não podia deixar de ser, que os experimentadores dos laboratórios fonéticos julguem pronunciar a última palavra em matéria de poesia — a arte literária mais precariamente adstrita à linguística. A nós cabe, porém, a nós, homens de gosto, não homens de ciência, a nós cabe travar o andamento heroico da técnica, mostrando aos cientistas os despenhadeiros de ridículo onde tantas camaradas seus se precipitaram já com a pretensão de introduzir o método das ciências em departamentos da atividade humana por natureza relapsos ao rigor e à precisão científicas.

Ridículo nos parece, com efeito, que se pretenda demonstrar a superioridade de um verso sobre outro apenas pelo fato de serem infinitamente mais equilibrados e harmoniosos os movimentos da língua na pronunciação do primeiro que na do segundo. A poesia não pode ser, nem é, mero prazer muscular. No entanto, se admitirmos que outros fatores intervêm na elaboração desse fenómeno que é o prazer da leitura poética, bom será não excluirmos do complexo psico-fisiológico que esse fenómeno encerra o fator fonético propriamente dito.

Eis porque nos atrevemos a chamar a atenção dos leitores portugueses para a importância que deve atribuir-se aos valores fonéticos inerentes à pronúncia da língua portuguesa pelos brasileiros sempre que entre nós, em Portugal, se lêem os poetas do Brasil. Inutil frisar que o mesmo se recomenda aos leitores brasileiros de poesia portuguesa. . . .

Bem sei que entre nós, em Portugal, não se perdeu o costume de ler certos poetas do Brasil — um Catulo, um Jorge de Lima, o Jorge de Lima dos "Poemas negros", mesmo Manuel Bandeira e Ribeiro Couto — sem imprimir à leitura o sotaque brasileiro. Isto apenas acontece, porém, quando a natureza dos versos se apresenta nitidamente popular — quando a poesia é uma intervenção de costumes, modos, sentimentos ou reações de caráter etnográfico. Já o mesmo se não verifica no caso das composições lidas ou recitadas serem do numero das poesias de expressão emocional erudita. Então raramente — é licito dizer mesmo: nunca — então, nunca o leitor português se

lembrará de que o composto fonético, que tem perante si em nada ou quase nada se assemelha aos compostos fonéticos que são as poesias portuguesas.

Não me foi dado fazer qualquer estudo do fenómeno. O que sei dizer, porém, é que, desde que o problema se formulou no meu espirito, muita coisa se esclareceu na minha valorização da moderna poesia brasileira, sobretudo desde que os poetas brasileiros principiaram a desertar dos arcaísmos versalibristas, para se darem ao culto de uma estrutura poética que nem é o versalibrismo cultivado até aqui nem a métrica rigorosa dos tratados de metrificação tradicionais da nossa língua.

Que é que se me apresenta surdo, incolor, a-musical nas últimas composições de Cecília Meireles, esse astro da poesia brasileiro dia a dia mais submerso sob os espessos véus com que vai cobrindo a nudez, outrora resplandecente, do corpo dos seus versos? Cecília Meireles, à medida que se tem afastado da métrica tradicional da poesia portuguesa, métrica essa muito mais patente nos versos da sua "Viagem" do que nos da sua "Vaga música", embora ainda muito mais no de "Vaga música" do que nos de "Retrato natural", aproxima-se de uma nova concepção prosódica, que não é a concepção tradicional da língua comum nem a concepção que fez fortuna na poesia brasileira de entre duas guerras. Veja-se por exemplo, como Cecília Meireles versejava entre 1927 e 1937, em "Viagem":

Estou tão cansada, tão cansada, [da, estou tão cansada! Que fiz eu? Estive embalando, noite e dia, um coração que não dormia desde que o seu amor morreu.

Na fase mais clássica da sua poesia, a estrutura do seu verso, mesmo quando se permitia



CECILIA MEIRELES

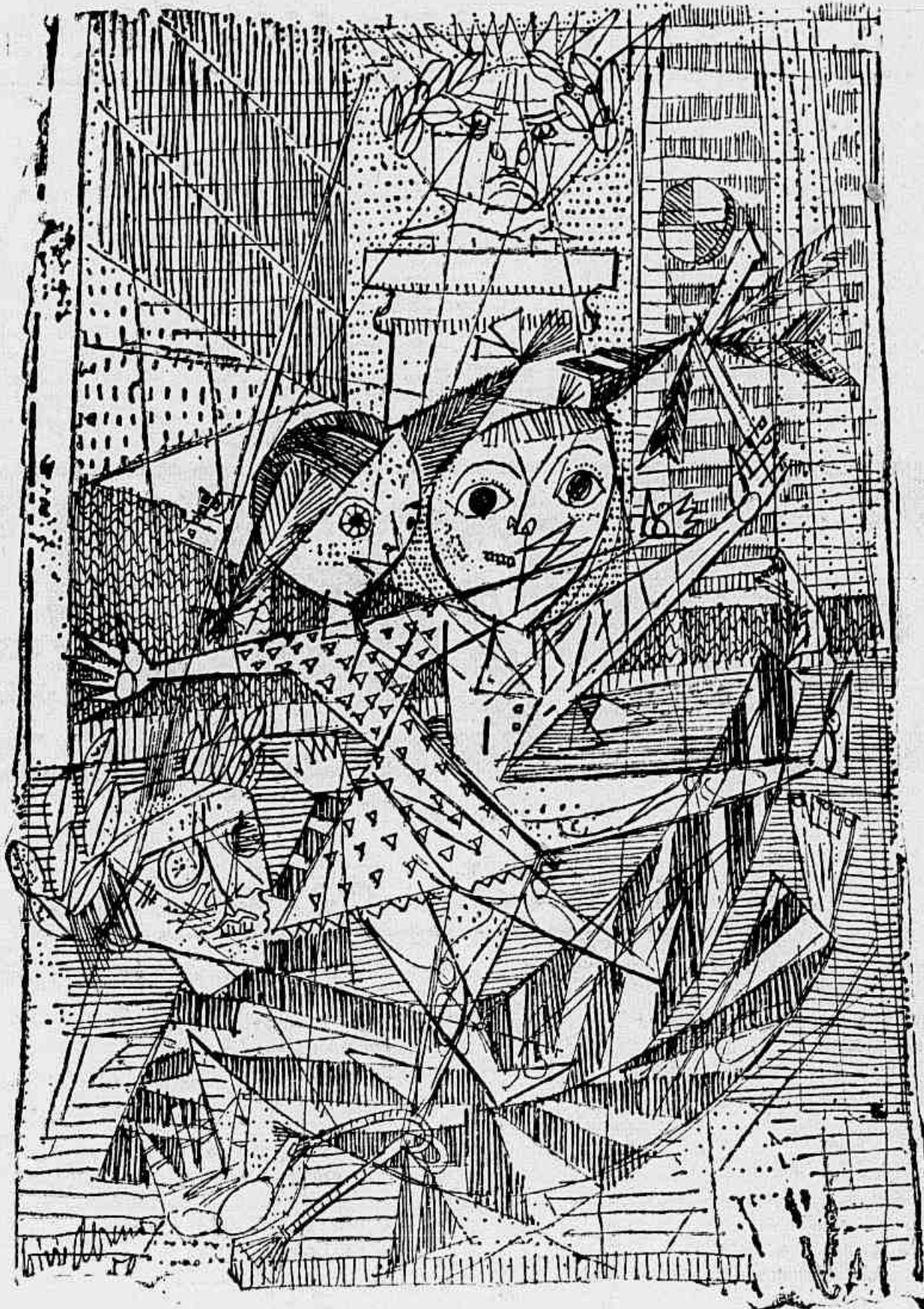
liberdades reprovadas pela métrica, como por exemplo:

Entre MIM e mim há vastilhões [dões bastantes para a navegação dos meus desejos afligidos.

Descem pela água minhas navas [ves revestidas de espelhos. Cada lâmina arrisca um olhar.

[e investiga o elemento que a [atinge.

guardava fosse o que fosse da modelação rítmica tradicional. Dir-se-ia que o "esquema rítmico" — expressão de Marcel Jousse — dos versos mais versalibristas de Cecília Meireles, como, aliás, dos demais poetas brasileiros, conservam o andamento fonético — a pausa respiratória — inerente à língua portuguesa. Por isso mesmo a leitura das suas poesias não demandava, da nossa parte, portugueses, qualquer esforço de adaptação favorável à apreensão da sua essência. Posto a fonética da língua portuguesa falada no Brasil de há muito tivesse as suas características próprias — a sua dicação mais plástica, a sua acentuação mais luminosa, a sua estruturação mais articulada —, o certo é que a tradição métrica genuinamente portuguesa continuava a dominar a prosódia dos seus poetas. Dir-se-ia que eles se não haviam descoberto ainda, sob o ponto de vista fonético, poetas de "outra" língua. E é assim que nos versos de Cecília Meireles de "Vaga música" (não será o título deste livro a confissão de quem se descobre envolto numa sonoridade verbal poética que não é a sonoridade verbal da prosa, e não sabe como explicá-la senão considerando-a "vaga música"?), qualquer coisa a principia a afastar, pelo menos ao nosso ouvido de portugueses, do sulco aberto pelas suas primeiras composições — esse sulco de uma plasticidade e de uma musicalidade legitimamente lusitana. Por exemplo:



Desenho de LIVIO ABRAMO

Primeiro foram os verdes e águas e pedras da tarde, e meus sonhos de perder-te e meus sonhos de encontrar-te...

mas depois houve caminhos pelas florestas lunares, e mortos em meus ouvidos, mares brancos de palavras.

Não é preciso ir mais longe. Fiquemo-nos pelos "mares brancos de palavras". Eis o que a poesia de Cecília Meireles começa a ser, pelo menos para nós, portugueses, a partir de determinado momento. Eis o que ela é acentadamente agora, no seu último livro, "Retrato natural" — um "mar branco de palavras". Por que? Porque, tendo tomado, talvez, consciência do valor fonético da língua que usam, os poetas do Brasil ensurdeceram a musicalidade dos seus versos acentando, inclusivamente, a medida tradicional do verso lusitano, amputado da acentuação e da rima, uma vez que descobriram que a fonética dos seus versos não era a fonética dos versos portugueses. Surdos para nós, que os lemos com a nossa fonética baça, para eles, brasileiros, que os escrevem e lêem com uma fonética colorida, tais versos não são surdos — não têm "vaga música" — mas sonoros, têm a sonoridade própria da sua própria dicação.

Claro que a música não é tudo na poesia, sobretudo desde que morreu Verlaine, o poeta mais musical da poesia moderna, mas ainda é muito, ainda é alguma coisa, aceitemos ou não a tese de André Spire. De fato, quando um poeta aborda a poesia pela sua margem menos plástica — e a música, no verso, assim o demonstraram os "simbolistas", insinua-se pelo lado oposto ao da plasticidade —, o movimento embalatório dos "esquemas rítmicos" que são os versos, detém, pelo menos, oitenta por cento da sua capacidade de sugestão. Por isso mesmo, na poesia de uma Cecília Meireles, muito mais musical que plástica, se a arquitetura do verso, parece cingir-se às leis clássicas da versificação portuguesa, o certo é que, uma vez que foneticamente a palavra empregada não tem o mesmo valor, a música que se desprende dessa construção rítmica é inteiramente diversa da que dela se desprenderia se o seu conteúdo fonético fosse genuinamente português. E, assim, musical a poesia de Cecília Meireles só musicalmente acertará na mouche, produzindo a sugestão inerente à sua estrutura rítmica, quando, em verdade, seja lida por rum aparelho fonador fiel aos movimentos musculares inscritos na pronunciação brasileira.

Fizemos a experiência. A experiência deu ótimos resultados. Entre os resultados obtidos ressalta este, que é particularmente significativo: a aparente a-musicalidade de certas composições de Cecília Meireles desaparece por completo. Podemos dizer mesmo que a sua poesia, quando lida com o sotaque próprio, se personaliza a ponto de adquirir sexo. Masculina, senão neutra, quando lida à portuguesa, torna-se feminina, diabólicamente feminina, quando lida à brasileira. Desvantagem, dirão os apologetas da poesia assexuada. Vantagem, direi eu, pois que estou persuadido de que não há poesia sem sexo. Os versos de um Antonio Nobre são femininos; os de um Antero de Sousa são masculinos; os de um Fernando Pessoa, pronunciadamente neutros, isto é, entre os dois sexos. Sim, não se me vá atribuir a perversidade de querer dar a Cecília Meireles um epíteto que lhe não reconheço — o de "poetisa". Não. A autora do "Retrato natural" é um "poeta", um dos maiores poetas de língua portuguesa de todos os tempos. Isso não nos impede, contudo, de atribuir à sua poesia o sexo que ela, de fato, tem.

Música e sexo, fonética e sexo (Conclui na 10.ª página)

Troca de mordacidades e irreverências entre Bernard Shaw e Frank Harris

DOIS GRANDES ESCRITORES BRIGAM POR UM TEMA

FRANK Harris, um dos grandes biógrafos de língua inglesa, e Georges Bernard Shaw, tiveram muitas vezes, durante sua longuíssima amizade, — Harris morreu a 26 de agosto de 1931 com 76 anos de idade e Shaw comemorou recentemente o seu 94.º aniversário — inúmeras rugas, ora motivadas pela conhecida irreverência do famoso escritor e dramaturgo irlandês, ora pelo desassombro e rudeza com que aquele se referia aos pontos fracos deste.

Uma dessas rugas teve origem numa coincidência: ambos estavam escrevendo um drama sobre Joana d'Arc. Shaw, que jamais se considerou inferior a Shakespeare, segundo seus biógrafos, não gostou de que alguém também com talento, explorasse o mesmo tema que escolhera para uma de suas peças. E, quando recebeu o drama de Frank Harris, arrasou-o, em carta a ele dirigida. Harris, por sua vez, em resposta, arrasou, igualmente, o trabalho de Shaw.

São essas duas cartas, cheias de ironia e azedume, que a seguir reproduzimos. Eis a carta de Bernard Shaw:

"Caro Frank Harris:

La Romée acaba de chegar. Antes de mais nada, pergunto como pode você ser tão rombo, comercialmente falando. Sim, pois justamente quando eu acabava de reabrir no teatro o mercado (por sinal bem lucrativo) dos santos medievais, não é que você traz para esse mercado a única santa que eu havia monopolizado?

No entanto, o seu propósito foi evidentemente artístico, embora você se tenha enganado quanto ao gênero. Eu sempre quis aproveitar o assunto para um drama, quanto maior melhor. Você quis sempre transformá-lo num conto, quanto menor melhor. O fato de ter eu feito um drama sobre Joana ofendeu o seu ins-

tinto; você se achou na obrigação de aproveitá-la para fazer coisa inteiramente diferente, mas não compreendeu que essa coisa devia ser um conto e não outro drama. O resultado é desagradavelmente híbrido. Por que não jogá-lo no fogo e escrever o conto? Você não levou em conta a Idade Média, a Igreja, a Inquisição e o sistema feudal, e reduziu o assunto à história de uma jovem puritana da Virgínia, uns quantos beócios, dois salafaristas e um carrasco americano muito moderno que diz desaforos a um lord inglês e zomba do Santo Ofício (que o teria queimado em dois tempos por heresia). Típica obra de O. Henry, nem para Maupassant nem para você. Fique pelo século dezanove. Nem um homem de gênio e de fôlego para longas histórias, como Anatole France, pôde com a Donzela. Sua Vie de Jeanne d'Arc foi a gafe mais absurda da literatura moderna, até que você apareceu com a sua estúpida La Romée, avantajando-o em insensatez. Não se deixe enganar pelos que não querem brigar com você: não há nada a fazer senão jogar tudo na cesta de papéis inúteis com uma gargalhada de bom humor e pedir desculpas à posteridade pelos exemplares que sobram.

Dirá você que eu me tornei totalmente insensível aos seus sentimentos, como aos sentimentos alheios em geral, e, sem-cerimônia, o vou enxotando do meu terreno, como se você fosse um vagabundo qualquer. A explicação é que

minha saúde afinal cedeu; há dois meses que estou doente e encontro-me agora em meia convalescença. A parte de minha pessoa de setenta anos para baixo está completamente morta. Eu sou uma ruína viva; leve isso em conta ao julgar a minha opinião.

Minha letra está ruim demais para que o obrigue a decifrá-la.

Seu, meio vivo,
G. Bernard Shaw".

A resposta de Frank Harris, rude e irônica, foi a seguinte:

"Meu caro Shaw:

Recebi sua carta sobre La Romée. Que extraordinária carta você me escreveu! Lembrou-me do choque que tive quando vi, na sua crítica ao meu Shakespeare, que você se apropriara da minha descoberta de que a Condessa de Rousillon era a mãe de Herbert, irmã de Sydney, acrescentando que eu me recusava a admiti-lo. No entanto, eram estas as minhas textuais palavras: "Creio que Shakespeare se inspirou nesse magnífico modelo quando criou a velha Condessa Rousillon". Em seguida fazia algumas chacotas à minha custa, pretendendo que eu havia dito que Shakespeare se inspirara em sua própria mãe — tudo pura invenção.

Agora essa sua crítica à minha Joana d'Arc não é menos alucinante. A parte da sua pessoa que tem setenta anos para baixo é a que ainda está viva, no que ela tem de pior. Eu escrevi minha peça antes de ter visto a sua, Joana d'Arc, como Jesus, estava na

minha cabeça há vinte anos; e só compreendi como sua alma se formara depois que pude ver que, do fundo do seu jardim em Domremy, ela avistava a igreja. No entanto, a única coisa que você encontra na minha obra e que carrasco é um americano moderníssimo porque ousa dizer desaforos a um lord inglês e zombar do Santo Ofício.

Você se considera dono do "terreno Joana d'Arc" e quer enxotar-me dele. Isto me leva a dizer-lhe algumas verdades sobre a sua obra e no seu próprio estilo. Nas intermináveis quatro horas que dura a representação, só há dois momentos em que você tentou insuflar alguma vida a Joana d'Arc. A sua camponesa dirige-se ao rei tratando-o de "Carlinhos" diante da corte — um anacronismo tão notório como o epílogo; e você faz a sua heroína rasgar a sua abjuração, o que foge à verdade histórica, mas é um belo recurso teatral. Isto no que toca à caracterização da heroína. Mas ainda não é tudo. O seu Inquisidor-mór faz um discurso de mil e quinhentas palavras, que pode ganhar vida graças a um ator excepcional, mas que, a não ser assim, só provoca bocejos. Em seguida você senta três homens em volta de uma mesa para dizerem, durante trinta e dois intoleráveis minutos contados a relógio, tudo o que você sabe sobre a França do princípio do século quinze, mas que não dizem nada que desperte o mínimo interesse. E a isto chama você um drama!

O conceito que você tem de

um drama é tal que Jesus trate a Pilatos de "meu velho" e dê duas horas de cavaco a Calíças e seus amigos. Nosso desacordo, como vê, é fundamental. Você acha que os Cauchons, os Inquisidores e mais seres vulgares merecem ser pintados de corpo inteiro. Mas esses, como os pobres do Evangelho, andam por aí aos montes e não precisam de um Shaw para pintá-los. Pinero, Henry Arthur Jones e uma dúzia de outros escritores já o fazem. Porém em Joana d'Arc há uma grande personagem, uma alma heroica como as que mais o tenham sido; queremos sobretudo saber como ela veio a ser o que foi e como foi tratada pelos homens. Você se esquivou ao problema principal: há mais força criadora nas três primeiras páginas do meu trabalho do que em todas as suas quatro horas de drama. No que eu fiz você devia pelo menos ter encontrado um esforço para compreender Joana d'Arc; e devia perceber que não ganha nada com um escárnio barato.

Que extraordinária escassez de poetas há hoje na Inglaterra em comparação com o período sobre o qual estou escrevendo, o de minha vida no fim do século passado! Você é a meu ver a principal figura de 1895 a 1905, como Wilde o foi nos anos anteriores.

Lembro-me sempre do prazer que me deu sua Candida, um prazer semelhante ao que eu esperava proporcionar-lhe com a minha Joana. Falhei, parece; mas o difícil é determinar se o malogro é meu ou seu. Recorro-me de ter lido que quando Cervantes, depois de haver elogiado Lope de Vega pelas suas excelentes comédias, lhe mandou o seu Dom-Quixote, Lope respondeu que nada podia fazer por ele, pois não havia o menor sinal de talento naquele livro.

Sempre seu
Frank Harris.

FOLCLORE, DISCIPLINA DE AMOR

RENATO ALMEIDA

Disciplina de amor, porque os folcloristas precisam despertar em todos os espíritos, a fim de que considerem e prezem a sabedoria e as artes populares como um patrimônio comum, cujo estudo não é um bisantismo, mas uma necessidade se quisermos penetrar a alma da nossa gente, onde se estrutura e se continua a nacionalidade.

E ainda precisa de amor para se suportar o ridículo e a zombaria dos que negam o valor do folclore e menosprezam o esforço de seus cultores.

E não poucos têm verificado que, para diminuir os estudos de tensão tão responsáveis pela imensa desordem internacional, o folclore será fator preponderante, porque, sendo a mais na-

cional de todas as expressões coletivas de uma nação, é a mais internacional. As vozes de cada povo têm sempre uma repercussão de outros meredinos não raro muito afastados e, nesse sentido, abre-se um campo de comparações larguíssimo, dentro do qual se podem ver as grandes unidades humanas, que os governos e as elites

poderiam aproveitar se o mundo único fosse na realidade o seu sonho. Se se quisesse amar o povo e não mistificá-lo para as guerras, a serviço de insólitas ambições e do desvario de ideologias frenéticas, mais valeria estudá-lo a fundo, auscultar suas tendências e pendores, servir suas necessidades, compreender sua existência verdadeira. E, para isso, mais do que discursos, valeria o contato direto com a gente simples, para lhe compreender os anseios e problemas. Entre nós, por exemplo, que lição seria para a higiene do conhecimento seguro de toda a nossa medicina popular, a fim de combater pela persuasão credências e abusões não raro perigosas e até fatais.

Por outro lado, o conhecimento direto do povo, nos trará a vantagem de conservar, como há pouco se deveria afastar, tudo o que revela a sabedoria e a beleza de suas práticas, de suas artes e de seus costumes. Vamos, no Brasil, a regressão continua do fator tradicional no folclore. Muitas festas desaparecem porque são abandonadas à mingua de estímulo, quando não ostensivamente proibidas. Não morre o folclore, que o povo é eterno e transformará incessantemente as sobrevivências que lhe não-de chegar sempre. Mas, o nosso dever é guardar na sua alma a continuidade nacional, evitando o seu desaparecimento, já que a civilização mecânica e as condições de vida que determinam são fatores irremovíveis desse desgaste.

A defesa do folclore não deve contudo nos levar a considerá-lo um regionalismo pitoresco, ou um exotismo interessante. Não é fazendo nas cidades festas regionais, nem com as duplas caipiras do rádio, que salvaremos coisa alguma, porque tudo isso é artificial e o trabalho tem de ser feito protegendo o povo contra os

(Conclui na 10.ª página)



Vinheta de SANTA ROSA

A INUTIL ESPERA

As formas do corpo nu
Se desfazem e se enlaçam
Mergulham mornas,
E se dissolvem,
Em brumas de sonhos, carícias,
Lassidão, amargura.

Ah! Pôrto feliz
De imaginária ilha:
— Sedento de prazeres renovados
Cada beijo colhido,
Ainda é a ansiada espera
E a ausência amarga do ambicionado.

Aquele amor talvez, que redimisse
Um dia.

Tôdas as penas do caminho agreste.
E transformasse em luz,
Som, harmonia limpidos
De azul e pássaro,
A insatisfação pesando imensa:
— Terra e Universo.

Ter como o lento
A cerçoção-muralha.

E um coração de pano,
E os braços vazios
Na espera inútil...

DIRCEU QUINTANILHA

FOLCLORE não é somente uma ciência em formação com perspectivas grandiosas. Os folcloristas são cavalheiros servidores de uma disciplina essencialmente humana: ensinam a seus concidadãos o amor da pátria, e professam, apesar das incertezas e angústias da hora presente, o dogma da fraternidade universal. Dia virá em que todas as religiões fundadas sobre o amor lhe pedirão argumentos e apóstolos". Estas palavras de uma conferência do grande mestre francês Saintyves, merecem ser recordadas, quando se celebra, a 22 deste, um aniversário a mais da criação da palavra FOLK-LORE e se procura esclarecer os espíritos quanto à necessidade de incentivar seus estudos, pois a cultura do folk é um elemento essencial para o conhecimento do caráter nacional de um país. Disciplina de amor, sem dúvida, na intenção que deve animar os folcloristas; no desprendimento que exige a sua prática; na solidariedade imprescindível às pesquisas, na colaboração para os seus estudos. O contato com o povo, para colher diretamente de sua boca as expressões de sua sabedoria, suas crenças, suas histórias, suas diversões, seus ritos, seu lirismo e seus trabalhos, só se fará dentro de um clima de confiança e simpatia, de interesse e paciência, que só os intuitos amorosos permitem. Também as relações entre os pesquisadores e estudiosos, para a troca de impressões, o confronto dos trabalhos, o ajuste de opiniões, sobretudo no Brasil, onde os elementos colhidos ainda são escassos e sujeitos a retificações, será feita apenas dentro de um espírito compreensivo e largo, em que possamos ter a coragem de despir as vaidades, abandonar a corrida das competições, aar o seu para a obra comum, sempre com desprendimento e boa vontade. E deve ser ainda dis-

EM ISRAEL, CONTINUANDO A PALESTRA COM MAX BROD

"KAFKA NÃO DEVE SER ENCARADO POR UM ÂNGULO ESTÉTICO" — DIZ O GRANDE AMIGO DO AUTOR DE "O PROCESSO"

II

LOUIS WIZNITZER

TEL-AVIV, agosto (Via "Air France") — Continuando a reportagem fiel do meu encontro com Max Brod, direi que depois da longa conversa sobre Kafka, de que dei conta na outra correspondência, Brod foi então que passou a interrogar-me sobre a minha palestra com Heidegger.

Quando lhe mostrei a fotografia que havia tirado do filósofo na Floresta Negra, o amigo de Kafka exclamou: "Foi sempre assim que eu imaginei esse diabo!"

Interrogou-me depois sobre a vida cultural no Rio, principalmente o teatro e a música; e eu não pude melhor informá-lo do que lhe mostrando vários números de "Letras e Artes". Per sua vez, disse-me ele que composições de Villa-Lobos haviam sido executadas na orquestra sinfônica de Tel-Aviv, com grande sucesso; que a música desempenhava um papel extraordinário na vida do novo Estado; que o Kihutz (espécie de habitações rurais coletivas) de Ein Gav, às margens do lago Tiberíades, estava em vias de tornar-se o Salzburgo do Oriente Médio.

Sobre teatro, disse-me haver ali dois, ambos de uma importância internacional: o Habima e o Ohel. Ele próprio ocupa o cargo de leitor do primeiro, estando encarregado de aceitar, de procurar e de recusar peças estrangeiras. Entre as peças do repertório figuram: "Oleó", "Monte Serrat", de Emmanuel Bove, a "Pólvora respeitosa" e "Dir little town", de Thornton Wilder. E algumas peças nacionais também, de melhor qualidade.

A JUVENTUDE DE ISRAEL

— Os escritores jovens apegam-se à tradição semita e hebraica e voltam-se para a cultura ocidental?

— Escrevem todos em hebraico e procuram adquirir uma sólida cultura hebraica. Mas é grande o número dos que estudaram nas universidades francesas, inglesas, americanas, etc., e conservam os métodos de pensar, a maneira de abordar os problemas, próprias dos respectivos países. Queremos progredir em estreita ligação e compreensão com o mundo ocidental, mas não imitá-lo. Esperamos que venha logo o dia em que possamos apreciar a cultura brasileira, graças a relações mais íntimas e assíduas.

A VIDA UNIVERSITÁRIA

— Pode dar-me alguns aspectos da vida universitária em Israel?

— Grandes professores deixaram suas universidades no estrangeiro para ensinar nas universidades de Jerusalém e Tel-Aviv. O instituto de química de Rehovoth é o primeiro do mundo, merecendo os elogios do prof. Chaim Weizmann. Grandes sábios em arqueologia lecionam entre nós. O professor Martin Buker ensina filosofia em Jerusalém. Quanto à mocidade, mostra-se ela tão sedenta de saber que não há para ela lugares suficientes nas universidades. Em Kihutzin, nas aldeias agrícolas, depois do trabalho, numerosas são as pessoas que estudam música, história, línguas, filosofia e é um grande problema orientar e satisfazer esses apetites. Mas, vá ver Martin Buker, em Jerusalém e ele o informará nesse assunto, melhor do que eu.

UM ROMANCE SOBRE JESUS CRISTO

— Pode dizer-me algo do seu próximo livro?

— É um romance, em que Jesus será o personagem principal, desenrolando-se a ação na Galiléia, às margens do lago Tiberíades, onde, segundo São Mateus, Jesus foi pescador. Não posso dizer-lhe o tema do romance, mas aludirei a uma história subsidiária que nele figura: a história de Poncio Pilatos, epicurista, que zomba mesmo de Platão, e ama a cultura, a vida fácil e abandona o paganismo ao con-

tacto de Cristo. O livro intitular-se-á "Jesus de Nazareth", ou "O mestre".

VOLTANDO A KAFKA

Mas, agora, a palestra retorna a Kafka.

— Qual a atitude de Kafka em face do individualismo e do coletivismo?

— No seu 70.º aforismo, Kafka escreve: "O indestrutível é um; cada homem é esse indestrutível e o conjunto dos homens o é também. O indestrutível lhes é comum; é o que liga uns aos outros". Aliás, escreveu ele também: "Não se pode contar o que se ignora, isto é, uma mentira; somente no correção pode transpassar uma certa verdade".

A substância do homem e do Cosmo era idêntica para Kafka. Pensava ele que as almas são como vagas de um único mar, separadas por um momento mas que se perdem, em seguida, de novo, umas nas outras. Não foi, assim, nem individualista, nem coletivista. Pensava que o grupo, o povo, a humanidade se abrem, naturalmente, para aquele que encara com seriedade a si mesmo. A experiência vivida do eu e a experiência da coletividade eram para ele uma só coisa. A oposição não seria mais que ilusória.

KAFKA E LAO-TSE

— Falou-se muito da ligação de Kafka e Lao-Tse, no "Bom Caminho". Por outro lado, abordando o problema do sentimento religioso de Kafka, Pierre Klossowski escreveu: "Solicitação pela confiança cristã, como pela esperança judaica, Kafka não pôde participar nem de uma nem de outra". Que pensa o senhor-disso?

— Kafka estava persuadido de que a existência do mundo espiritual possui qualquer coisa de indestrutível. Tinha a convicção e não a esperança desse mundo. Sabia que não era pre-

ciso procurar esse mundo, nem se empenhar em atingi-lo, uma vez que ele estava ali, junto consigo, no momento em que o reconhecia. Ao professor Rudolf Stein, fundador da antroposofia, Kafka confessava que tinha visões. Escreveu ele: "Corpo a corpo como o céu. Paz, reconciliação, esquecimento". Os que procuram um Caminho, Kafka os encarava com desconfiança e achava que estes não procuram senão um pretexto. Dizia mesmo: "O que eles chamam Caminho não é mais do que lentidão e contemporização". Kafka estava tão imbuído do divino que chegava a excluir o milagre. Para o crente não pode haver milagre, da mesma maneira que não há estrelas durante o dia.

Quanto a Klossowski, podemos lhe ser gratos por três coisas: compreendeu que Kafka não era de maneira absoluta um pessimista e sublinhou a aversão indubitável do mesmo por toda sistematização do desespero. Mostrou a preocupação de Kafka em atingir o mundo divino. Afinal, estabeleceu a impossibilidade de encarar-se Kafka por um ângulo estético. Para Kafka a arte era um meio de exprimir-se a Verdade. Fora desses três pontos, não estou absolutamente de acordo com Klossowski.

Num aforismo ainda inédito, Kafka escreveu: "devemos aprender a suportar todo o sofrimento. Cristo sofreu por nós; devemos, agora, sofrer por ele". Querida dizer com isso que o homem não será salvo senão quando identificar-se com o que há nele de indestrutível e tiver plenamente atingido o mundo espiritual. Não encontramos, propriamente em Kafka a esperança cristã nem a esperança judaica mas uma convicção monoteísta, judaica, apoiada também nos mais puros textos de Platão e dos Upanishads, dos quais se pode dizer que são a fonte escrita de toda verdade...

E Max Brod repete a frase

de Kafka, erguendo o index: "O que chamamos caminho não é senão retardamento". Mas, de repente, como que iluminado, diz-me: "Agora, estou me lembrando. Kafka falou um dia: 'O divino é uma infinidade de relâmpagos dispersos através do mundo. A tarefa do homem será a de reuni-los'". A lembrança dessa frase veio à memória de Brod, à força de falar no amigo.

KAFKA E OS COMUNISTAS

— Os comunistas censuram Kafka de haver pregado um ritual sem religião; uma obediência cega e a completa aceitação da miséria do homem.

— Não compreenderam, absolutamente, Kafka. Dizei, ao contrário, que o meu amigo pregou uma religião sem ritual e nada lhe causava mais horror do que a miséria do homem, tanto a miséria espiritual quanto a material.

O AMOR — O VERDADEIRO CAMINHO

— Haverá algum aspecto de Kafka que tenha permanecido, na sua opinião, pouco conhecido, esquecido?

— Certamente, não se tem cansado de insistir no seu desespero, mas é o seu humor, sobretudo, que eu admiro e do qual me lembro com ternura. Costumava ele sempre brincar consigo mesmo, principalmente no domínio religioso, em que o seu humor, pode-se dizer, era inescotável. Costumava mostrar a diferença existente entre o verdadeiro mundo divino e a imagem apressada que dele faz o homem. Devemos tender todos os nossos atos para o céu, mas não imaginá-lo de uma maneira falsa.

Um dos processos do humor de Kafka era o de tomar na rigorosa acepção da palavra aforismos, provérbios e ditos populares, e construir em torno deles uma situação que se tornava forçosamente absurda,

cruel horrível. O chefe do escritório, em "Metamorfose", diz ao empregado que esse não é senão uma vermina e eis que este se transforma em vermina. Um provérbio alemão diz ser a única experiência a que fazemos em nosso próprio corpo e a máquina da Colônia Penitenciária, no "Processo", escreverá, com uma agulha, no peito do culpado, a sentença que lhe deram, antes mesmo de começar a tortura. O humor de Kafka era, precisamente, sua "Stimmung", o "humor metafísico". Não podemos identificá-lo a um otimismo nem a um pessimismo. É uma dialética de forma poética.

HORROR AO CELIBATO

— Na maior parte de suas obras Kafka fez da mulher uma espécie de intermediário entre o mundo celeste e o homem. Julgava ele estar a mulher mais perto de Deus do que nós? Ser ela capaz de salvar-nos?

— Não; Kafka não julgava a mulher mais próxima da divindade, mas com a capacidade de provocar no homem o amor de si mesmo. Nunca acreditou ele em intermediários. Mas acreditava numa felicidade aqui na terra, notadamente pelo casamento. Não escreveu ele? "Casar, fundar uma família, criar filhos e conservá-los neste mundo incerto, guiá-los, é, na minha opinião, o que o homem pode fazer aqui na terra de mais elevado". Tinha ele, como já disse, profunda aversão pelo celibato. E não escrevera uma frase que desmente todas as interpretações a Camus: "Sísifo era celibatário?" A chave de Kafka, para mim, não é nem o desespero nem a angústia, mas o amor. A palavra amor aparece raramente na sua obra. Seus livros estão, ao contrário, cheios de castigos, de execuções, de punições, porque os heróis pecam por falta de amor.

AS PREDILEÇÕES DE KAFKA

— Quais eram os autores particularmente apreciados por Kafka?

— Flaubert, Tolstói, Novalis, Thomas Mann. Lembro-me de que Kafka reia-me, com delícia, a primeira frase de uma novela de Thomas Mann, publicada em 1904: "Silêncio, agora vamos contemplar o interior de u'a alma". Pediu-me várias vezes, permissão para reler essa frase.

— Além das cartas de Kafka, cuja publicação o senhor anuncia, existem ainda inéditos dele?

— Sim, numerosos desenhos que publicarei um dia, para servirem de "mapa cartográfico" a fim de melhor compreender-se a obra de Kafka. Esses desenhos são notáveis pelo seu paralelismo com as qualidades do narrador. Até ao presente, não publiquei senão um pequeno número deles, acompanhados de uma biografia de Kafka da minha autoria. Nelles, como nos romances, Kafka harmoniza o realismo mais cruel à fantasia mais alta. Os personagens que o romancista desenha, como os que descreveu, permanecem numa aura de mistério; não podemos vê-los senão de fora.

Kafka nunca aceitou a psicologia como meio de explicações, porque ela tende sempre a tudo explicar facilmente. Consequência: nada explica...

Parece que era o bastante. Eu já abusara da paciência de Max Brod. Não podia fazê-lo falar pela noite a dentro sobre Kafka. Haveria também motivos para levá-lo a falar de si. Brod é igualmente um filósofo e homem de grande cultura. Seu pensamento se enquadra nas linhas de um novo platonismo, abordando o problema da sobrevivência da alma, da morte da liberdade da matéria...

Mas há quatro horas que conversamos. A filosofia de Brod ficaria para outra vez.



Desenho de OSWALDO GOELDI

PANORAMA LITERÁRIO

Gilberto Amado viaja para o Brasil



Depois de uma longa permanência nos Estados Unidos e na Europa acaba de partir para o Brasil o escritor Gilberto Amado. Dentro de poucos dias, o autor da "Chave de Salomão", que viaja no "Andes", será acolhido entusiasmado pelos numerosos amigos e admiradores com que conta esta Capital. Gilberto Amado já reviu as cenas do seu último romance "Marquinhos Canacho", cujo aparecimento se dará também dentro em pouco.

A volta de José Candido de Carvalho

José Candido de Carvalho, que em 1938 revolucionou os meios literários brasileiros, apresentando-se em "Olha para o céu, Frederico", como o mais jovem dos romancistas nacionais de então, subitamente desapareceu da vida intelectual, solicitado por outras atividades.

Agora, o romancista fluminense, que projetou em seu livro de estréia uma pungente história dos canaviais de seu Estado natal, está novamente às voltas com a literatura, inclusive publicando crônicas nas edições semanais de A MANHÃ.

Consta que José Candido de Carvalho possui, inédito, um romance, intitulado "Porto de Angústia". Assim sendo, é mais do que possível que em breve o jovem escritor fluminense o lance.



Goethe só escrevia de manhã

Goethe dizia a Eckermann: — "Não posso escrever senão nas primeiras horas da dia, quando me sinto reunido e fortalecido pelo sono e as tolices da vida quotidiana ainda não me assaltaram".
E referindo-se à composição do "Fausto" dizia ter este começado, ao mesmo tempo que o "Werther".
— "Quando retornar de Weimar já o tinha concluído".

Correio de Paris

Correspondência de Charles du Bos e André Gide

Verdadeiro acontecimento literário é a publicação das cartas de Charles du Bos a André Gide, com as respostas deste último. Essa importante correspondência vem revelar passagens muito curiosas das relações de ambos, bem como traços psicológicos fundamentais dos dois grandes espíritos.

O "Morro dos Ventos Uivantes" em francês
Uma nova tradução do "Morro dos Ventos Uivantes" em francês. Assina-a Luise Servien, fazendo a indicação de que se trata de uma tradução integral. Convém lembrar que uma das últimas transposições do livro de Emily Bronte para o francês foi feita por Jacques Lacroette.

Mais traduções francesas de obras-primas
Mais três traduções dignas de nota para o francês: "Jude l'Obscur", de Thomas Hardy, livro que, como se sabe, foi há pouco, também vertido para o português; "Le Jugement de la Mer" e "Consolata", duas novelas empolgantes de Gertrude von Le Font, famosa escritora alemã.

As dedicatórias de Ferreira de Castro em francês

Ferreira de Castro esteve, há pouco, em Paris, para escrever as dedicatórias do seu romance "A Mãe e a Neve", traduzido para o francês com o título de "Le brenn du Seigneur". Por essa ocasião uma de suas admiradoras pediu-lhe que escrevesse a dedicatória em português o que levou Ferreira de Castro a considerar sorridente:

— "A senhora me presta um grande serviço com esse pedido, porque eu só tinha formulado quatro dedicatórias em francês e estava cansado de repetilas".

O presidente da França leitor de Balzac

Divulga-se que o presidente da República Francesa é um leitor apaixonado de Balzac, aproveitando todas suas horas de folga para mergulhar nos romances do autor de "Père Goriot". Acrescenta-se ainda possuir ele uma predileção especial pelo "Cousin Pons", obra que considera: "Du Balzac at-tendré".

O último livro de Keyserling

O último livro deixado pelo conde Keyserling e escrito pouco antes da morte do filósofo, acaba de aparecer em tradução francesa, sob o título: "De la pensée aux sources de la vie".

As edições esgotadas de Belém do Pará

Um prosador e um poeta brasileiro que, juntos, estiveram recentemente em quase todos os Estados do norte, encontraram numa livraria de Belém do Pará várias primeiras edições de autores que, na porta da José Olympio, proclamam aos quatros ventos que seus livros estão esgotados.

A fim de solucionar o impasse, camagadoramente provocado pelos estoques vendidos, os mencionados escritores concluíram que se deveria adotar uma nova linha de ação diante dessas afirmações um pouco levianas. Assim, quando X., disse que seu livro está esgotado, cobria a ressurva: "Não em Belém do Pará".

Novo livro de Kravchenko

Continua a sra. Maria Helena Amoroso Lima Galvão, tradução de "Escolhi a Justiça", o novo livro de Victor Kravchenko, cujo "Escolhi a Liberdade" causou um dos mais sensacionais sucessos de livraria já verificados neste século em todo o mundo.

Como o volume anterior, "Escolhi a Justiça" será lançado pela Editora A Noite.

"O Romance Brasileiro"

Os estudos reunidos no número especial que a "Revista do Brasil" publicou em 1941 sobre o romance brasileiro deverão aparecer agora em livro, nas edições de "Escolha", de autoria do sr. Rubens Mário Jobim. O livro em questão, que foi selecionado pela Comissão Diretora de Publicação da mencionada Biblioteca, consta de três partes, assim distribuídas: Contos históricos, Instantâneos da Vida Militar e Contos de Vida e Morte.

"Sargento Fortuna e outros contos"

A Biblioteca do Exército Editora publicará proximamente o livro "Sargento Fortuna e outros contos", de autoria do sr. Rubens Mário Jobim. O livro em questão, que foi selecionado pela Comissão Diretora de Publicação da mencionada Biblioteca, consta de três partes, assim distribuídas: Contos históricos, Instantâneos da Vida Militar e Contos de Vida e Morte.

O novo número de "Tópico"

Já se encontra em circulação novo número da revista "Tópico", editada pela Divisão de Expansão Cultural da Prefeitura de São Paulo. O número em apreço, que se refere aos meses de junho e julho passados, traz colaborações de Alcantara Silveira, João Pacheco, Helena Silveira, Nuto Sant'Ana, Ernani Silva Bruno, João Caldeira Filho e outros.

A Biblioteca Militar estimula os estudos de sociologia

Acaba de ser lançada pela Biblioteca Militar a segunda edição de precioso trabalho "Introdução ao Estudo da Amazonia", de autoria do escritor Osório Nunes. Com essa edição, que é de sete mil e quinhentos exemplares e se destina aos seus subscritores, a Biblioteca Militar acolheu um ensaio de sociologia e economia regionalista reputado o melhor até hoje lançado sobre aquela extensa e riquíssima região do Brasil, visando torná-la melhor conhecida de nacionais e estrangeiros.

Esgotada que está a primeira edição do livro de Osório Nunes, que sagrou um dos mais autorizados conhecedores da Amazonia e de seus problemas, deverá, dentro em pouco ser lançada a terceira, melhorada e acrescida de novos documentos, uma vez que a segunda foi reservada aos subscritores da Biblioteca Militar.

Com essa terceira edição da "Introdução ao Estudo da Amazonia Brasileira", o livro perfaz um total de treze mil e quinhentos exemplares em circulação.

Osório Nunes é um dos mais brilhantes colaboradores deste suplemento que já deu divulgação a vários ensaios de sua autoria.

Fielding e Tom Jones

Henry Fielding é um dos grandes criadores do romance inglês e um dos maiores mestres da literatura universal. Em sua obra vamos encontrar um laborioso e lucido trabalho de fixação da sociedade do seu tempo e mais do que isso um espelho fidelíssimo de caracteres humanos, reproduzidos com seguros traços de análise. Fielding soube descer e elevar-se, em sua arte, segundo as oscilações da natureza humana, da humildade ou do orgulho dos tipos que lhe coube retratar, conservando porém em toda a essência do seu pensamento a admirável precisão de um observador nato. Começou pelo drama. Escreveu peças. E foi uma certa média vivida um pouco do teatro, instrumento de que se utilizou para mais se identificar com as camadas anônimas do povo e com a psicologia coletiva, uniforme e marcante, da velha e puritana Inglaterra da sua época. Mas a sua grande força artística encontrou expressão máxima no romance. E sobretudo na pitoresca e comovente "História de Tom Jones", livro que os brasileiros conhecem agora numa esplêndida tradução de Otávio Mendes Cayado, lançada pela Editora Globo. Com essa obra, Fielding abriu perspectivas para a renovação que se seguiu de toda a prosa inglesa e particularmente de todo o romance inglês moderno que encontra nessa obra um luminoso ponto de partida. O leitor tem de tudo nas páginas da "História de Tom Jones". Uma arte sobria de narrar. Um amontoado de temperamentos humanos, cada um sendo um modelo, uma summa de vida. Um espírito criador por excelência, utilizando na sua obra os ingredientes mais selecionados do processo de elaboração mental. E sobretudo o humor, que é a nota constante no desenvolvimento de sua narrativa. — A.

HA CEM ANOS, EM PARIS, MORRI BALZAC

Há cem anos, no dia 18 de agosto de 1850, na sua casa da rua Fortunée em Paris, morria Honoré de Balzac. Extinguiu em plena apogeu da sua capacidade criadora, quando ainda podia legar-nos muitas obras do mesmo pulso das que compõem a sua monumental "Comédia Humana".

Nada mais triste do que o fim dessa vida prodigiosa, Balzac consumiu-se no trabalho criador, esgotou-se numa existência que nunca teve um momento de repouso e foi toda ebulição espiritual, atividade enérgica.

A paixão pela Condessa Haуска, o último romance sentimental desse grande amoroso, levou-o à Rússia, onde o clima inhospito concorreu para agravar o mal que já o minava. A 14 de março de 1850 Balzac casa-se em Kiew com Evelyn Haуска; unia-se, assim, definitivamente, à mulher que havia sido até ali o seu maior amor. Logo em seguida, os dois esposos se põem em caminho para Paris. Balzac foi dado à sepultura.



amor. Logo em seguida, os dois esposos se põem em caminho para Paris.

"Antologia de Poetas da Nova Geração"

A "Antologia de Poetas da Nova Geração", organizada por Alcides Pinto, Raimundo Araújo e Ciro Colares, que acaba de aparecer, em edição Pongetti, revela-nos uma pleiade de poetas jovens, muitos dos quais não haviam até agora entrado em comunicação com o público. Alvaro Moreira, prefecho do livro, situa os poetas na literatura brasileira moderna. Não poderíamos nesta nota citar nomes, sem o risco de cometer injustiças. Diremos que nas 23 figuras que aparecem na "Antologia" encontramos muitas possibilidades e esperanças.

Os continuadores de Catulo

Não deixa de ser interessante observar-se, na literatura brasileira, a existência de uma linha poética sertaneja que possui um alto prestígio junto ao grande público. A figura mais importante desse domínio lírico é Catulo da Paixão Cearense, que formou uma bagagem de sugestiva categoria. Agora, Ary de Lima, em seu livro de estréia "E o sertão resuscitou", firma-se como um continuador do bordo de Catulo, recuperando a liberdade, graças à intervenção da mãe-mãe da Cêrquela.

Mais tarde, viu-se censurado por haver publicado um romance em jornal colaboracionista.

Enigmas populares de carater surrealista

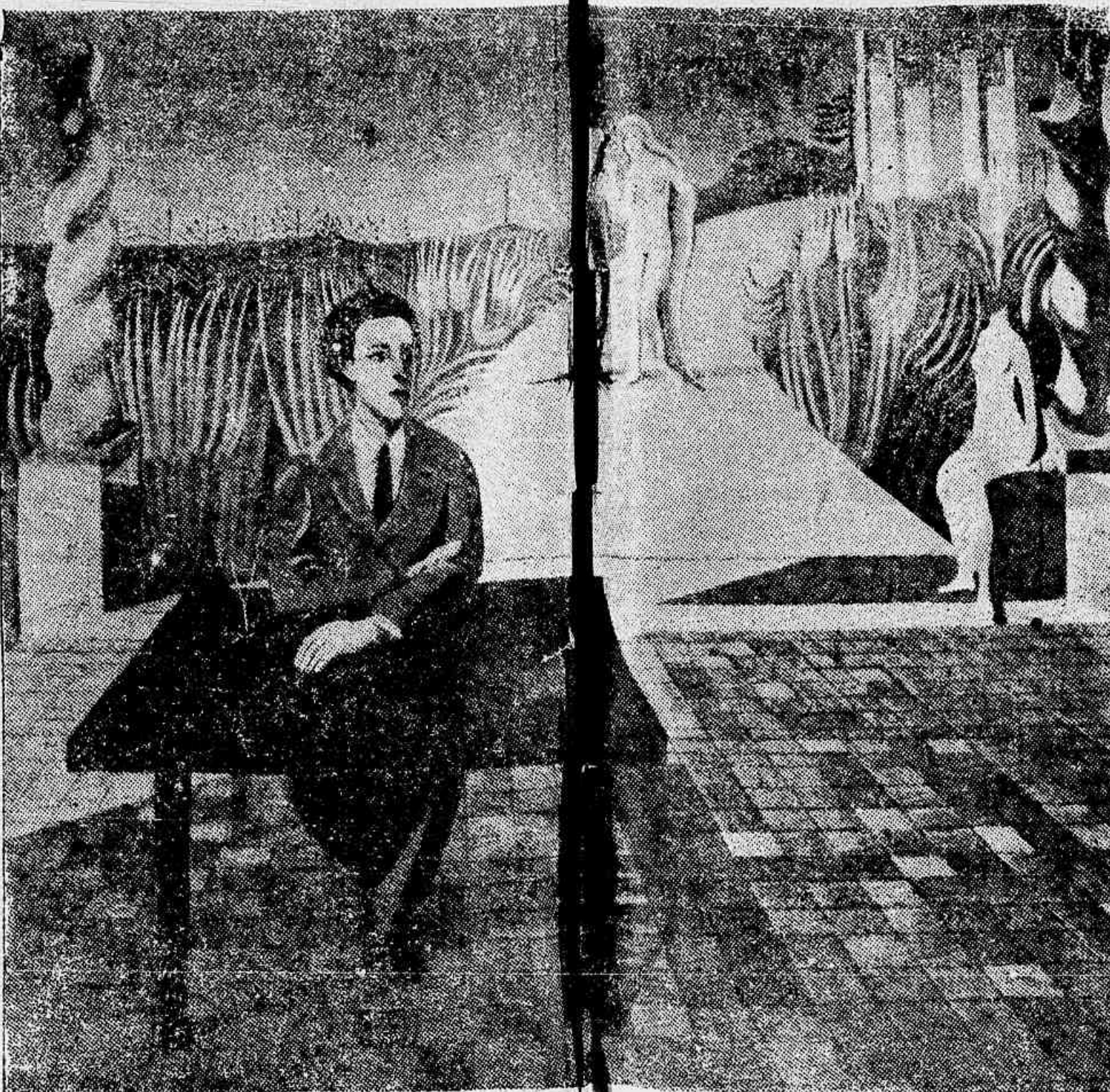
Apreciação o importante "Enigmas Populares", livro que o colorista José Maria de Melo acaba de lançar, o crítico Milhet salientou que algumas das adivinhas ali recortadas possuem indiscutíveis traços surrealistas, como se o espírito anônimo do povo houvesse lido André Breton, Pica-Coteau e outros.

As cidades adivinhas pertencem ao populário do povo gaiano.

Jean Giono e a guerra passada

O romancista francês Jean Giono, autor de alguns romances poéticos, que decorrem quase todos em ambiente campesino, descritos com grande força de evocação, foi preso nos primeiros dias da guerra passada, por haver rasgado cartazes de mobilização, fiel ao seu ardente pacifismo. Enxerado no forte Saint Jean, em Marselha, conseguiu, enquanto recuperava a liberdade, graças à intervenção da mãe-mãe da Cêrquela.

Mais tarde, viu-se censurado por haver publicado um romance em jornal colaboracionista.



Retrato de André Breton. MARIE-BERTHE ERNST

Fielding em português

O famoso romance de Fielding "Tom Jones" acaba de ser editado em português, em dois volumes, traduzido por Mendes Cayado e incluído na Biblioteca dos Séculos, da Editora Globo. Esse romance, que André Gide considerou uma verdadeira obra prima no prefácio da tradução francesa, é do mais alto interesse literário, pois marca uma etapa avançada na evolução do gênero. Em pleno século 17, Fielding se antecipava prodigiosamente na técnica do romance, dando-nos uma obra só comparável ao "Dom Quixote".

Lições sobre o existencialismo

Foi, recentemente publicado, na França o livro "Leçons sur l'existencialisme et ses formes principales", de autoria do escritor católico Roger Verneux. No trabalho em referência, o autor focaliza a filosofia existencialista sob as suas várias formas, acentuando o pensamento dos seus principais doutrinadores, desde Kierkegaard até Jean Paul Sartre, passando por Husserl, Heidegger, Jaspers, Gabriel Marcel, falando sobre este livro, Alcantara Silveira escreve: "Naturalmente, apareceu depois de 'Introduction aux existencialismes', de Mounier e de 'Petit histoire de l'existencialisme', de Wahl, o livro de Verneux teria de se basear em parte sobre os citados, sem que esta circunstância lhe retire qualquer parte do valor, pois de maneira clara e didática fez obra de divulgação, ato muito censurável no Brasil, onde se exige que todo escritor deve ser necessariamente um criador, um homem que precisa escrever sem fazer a menor citação de outros autores..."

"A técnica do romance em Proust"

É esse o título da tese com que o crítico Alvaro Lins se apresenta candidato em concurso à cadeira de literatura do Colégio Pedro II. Alvaro Lins tem como concorrentes, entre outros, o ensaísta Alvaro Lins e o sr. Felipe Vieira Souto, conhecido pelos seus trabalhos de prosa literária.

Charles du Bos contra Julien Benda

No seu "Journal", Charles du Bos assim se exprime a respeito de Julien Benda: "É impossível aliar vulgaridade mais completa a maior pretensão. Benda tem a balteza da alma e toda sua preocupação é desenrolar diante de uma pseudo grande inteligência pela qual quase todo mundo se deixou seduzir".

Outra definição de Benda, esta do comediógrafo Henri Janson: "Benda é um melancólico preterito perfeito".

Correspondência de Jean Cou

A correspondência de Jean Cocteau e Max Jacob, no período de 1919 a 1944, acaba de ser reunida em volume, despertando grande interesse nos círculos literários franceses.

"Joaquim Nabuco e o Pan-americanismo"

Será lançado dentro de breves dias na conhecida coleção de estudos brasileiros da Companhia Editora Nacional, o livro de Olimpio de Souza Andrade, "Joaquim Nabuco e o Pan-Americanismo". Trata-se de um percutido ensaio de interpretação da obra de estadista do grande abolicionista brasileiro e de sua atuação na política exterior do nosso país, através da qual se tornou um dos campeões do pan-americanismo. Escrito elegante e analista seguro dos fenômenos políticos e sociais, Olimpio de Souza Andrade, que atualmente integra o corpo de redatores de A MANHÃ, teve o seu livro premiado no concurso interamericano da seção brasileira da "UNESCO" em 1949, do qual participaram numerosos concorrentes nacionais e estrangeiros. O aparecimento agora desse ensaio em volume constitui, por isso mesmo, um acontecimento de real interesse para a cultura brasileira.

"Assuntos econômicos e sociais"

Resumindo interessantes artigos relativos a problemas econômicos e sociais, divulgados esparsamente na imprensa brasileira, A. J. Reuner acaba de publicar, em edição da Livraria do Globo, "Assuntos Econômicos e Sociais". Conhecedor profundo das questões econômicas e sociais do meio brasileiro, não só por estudá-las, de longe data, nas melhores fontes, mas principalmente pelo contacto direto com tais problemas, A. J. Reuner consegue, neste seu livro, oferecer valiosa contribuição ao melhor conhecimento dos assuntos em referência.

Um romancista norte-americano

Thornton Wilder ocupa, presentemente, posição de rélevo no panorama da moderna literatura norte-americana, merecendo seus esplêndidos romances. A Editora Globo, encarecendo sua apreciada coleção Nobel, vem de publicar, em tradução de Jorge Barboza, novo romance de Thornton Wilder, "O céu é meu destino". Neste romance Wilder focaliza a história de Jorge Brush, calceiro-viajante tido por todos como um simplório idiota, que irritado o mundo com suas atitudes e convicções ridículas. Para Brush, não é ele o louco, mas sim os seus semelhantes, o mundo. É um romance empolgante, cômico e trágico, ao mesmo tempo.

"Antologia do negro brasileiro"

Reunindo estudos de ilustres escritores brasileiros sobre o negro, nos vários aspectos de sua atividade, de sua formação e do seu comportamento no meio social, o sociólogo Edson Carneiro publica um livro precioso que os que se interessam, por problemas desta natureza. Neste volume é estudada, com penetração e simpatia, a influência do negro nos diversos setores da vida nacional, como na política, literatura, "cêrquela", folclore, ciências e artes, etc. "Antologia do negro brasileiro" aparece em bem cuidado volume de mais de quatrocentas páginas, sendo publicação da Editora Globo, do Porto Alegre.

Julien Green não é um escritor bilingue

Interrogado há pouco, sobre aquela que considerava, verdadeiramente sua língua nativa, Julien Green declarou logo ser o francês. Embora escreva perfeitamente em inglês e no francês que encontra o seu veículo natural de expressão, como escritor.

— Não suportou um escritor bilingue — declarou ele — considero-o uma verdadeira monstruosidade.

"O Barranco", de José Ferreira Landim

"O Barranco", de José Ferreira Landim, um dos romances contemplados com o prêmio da revista "Cruzeiro", acaba de ser apresentado ao público pela editora "Cruzeiro". É um romance forte, vivido, que alia a fixação dos caracteres a um estudo de costumes, no pano de fundo da paisagem brasileira. Como se sabe, o jurí desse concurso foi composto pelos srs. Alvaro Lins, Ciro dos Anjos e Marques Rebelo.

"Lendas e Superstições"

"Lendas e Superstições" é o título de um grosso volume de cerca de seiscentas e cinquenta páginas, em que o escritor Ademar Vidal oferece uma valiosa contribuição para o conhecimento do folclore do Nordeste. Soubesse ele tornar a leitura da obra amena e pitoresca tanto quanto possível. O livro foi editado pela "Cruzeiro".

Biografia de uma mulher

O poeta Domingos Carvalho da Silva, depois do êxito de seu livro "Praia Dourada", recentemente premiado pela Academia Brasileira de Letras está empenhado na futura de uma biografia de Barbara Heliodora, uma das figuras mais singulares da Inconfidência Mineira. Consta porém que, nesse livro, o lírico caminhará junto com o biógrafo, possuindo a obra tanto um alto cunho de veracidade como algumas tonalidades poéticas.

Curiosidades Literárias

A probidade artística de Turgueniev

A probidade artística de Turgueniev era extraordinária. Poucos escritores levariam tão a sério sua função criadora quanto ele. Dizem que antes de transpor para o livro o herói do seu mais famoso romance "Pais e Filhos" — Bazarof — manteve um diário, no qual registrava todas as suas impressões quotidianas, colocando-se no ponto de vista do personagem infelizmente esse diário — o diário de Bazarof — perdeu-se, o que é de lamentar-se, pois seria de leitura bem proveitosa para os críticos.

Molière triste ou alegre?

Na última representação de "L'Ecole des femmes", a famosa peça de Molière, em Lausanne, Jouve lembrava para alguns amigos, no seu camarim a primeira vez que montara essa comédia.
— Logo depois do espetáculo recebia a visita do conde Tolstói, que me disse: — "Nunca li tanto na minha vida". Daí a momentos Henry Bernstein entrava-me pelo camarim a dentro, exclamando: — "É a peça mais trágica que já vi".

Mantendo a palavra

Um jovem poeta francês lamentava-se a Jacques Prevert das dificuldades com que lutava para conseguir receber o adiantamento dos direitos autorais prometidos pelo editor.

— Não se inquiete — dizia Prevert — ele é um homem de palavra, conheço-o bem, o que promete, mantém.

— Sim, mantem de tal forma — respondeu o poeta — que não o larga.

A máquina impressora mais antiga do mundo

Poucas pessoas saberão onde se encontra a máquina impressora mais antiga do mundo. Acha-se em Palma de Májorca e pertence a um descendente daquele que a instalou. O jornal local "La Última Hora" é nela impresso e o seu diretor proprietário dessa máquina, verdadeiro monumento histórico, foi recentemente decorado.

O espírito de Cotegipe

Na mocidade, Cotegipe apresentara a Câmara um projeto sobre o casamento civil, que não tivera andamento. Em 1887, muito mais tarde, foi a vez do Visconde de Taunay bater-se pelo casamento civil. E apelou para a coerência do presidente do Conselho, então Cotegipe, lembrando-lhe o velho projeto abandonado: Cotegipe, porém, fez-lhe oposição, advertindo-o:

— "Naquele tempo eu tinha tanta experiência quanta tem agora o nobre senador".

A DISTRAÇÃO DOS GRANDES ESCRITORES

"PÉROLAS" DE BALZAC, GEORGE SAND, ZOLA E OUTROS

SERIA curioso realzar-se uma antologia de distrações, lapsos dos grandes escritores. Voltare deus a semelhante trabalho no seu tempo, organizando um "Sotisir" dos mais interessantes. E entre nós, Agripino Grieco é dos que apreciam extraordinariamente esse esporte literário.

Aqui vão alguns exemplos, que poderiam figurar na referida antologia. Começemos por Balzac. Escrevendo prodigiosamente, como escreveu, era natural que Balzac recaísse em delírio de distração. Aqui está um exemplo: no "Cousin Pons" aludindo a um leque informa o leitor: "Era uma obra prima que Luis XV encomendara a Watteau para Mme. Pompadour".

Vai nisso um anacronismo palmar: Watteau morreu em

1721, no mesmo ano em que nasceu Antonieta Poisson, que seria, no futuro, Mme. de Pompadour.

Na "Muse du Departement", uma criada, depois de vender os olhos de uma pessoa para impedir que ela veja, faz-lhe esta recomendação cômica, que Balzac lá colocou a sério, por distração: "Esteja atenta, não perca de vista nenhum dos seus sinais".

Passemos agora a George Sand.

Esta, quando prefaciou o livro de Charles Poncey, devia estar no mundo da lua ou num mundo mais alto, pois confundiu Herodes com Pilatos: "E como Herodes, eles lavam as mãos de todas as iniquidades sociais".

Flaubert, tão meticoloso, que não escrevia um período sem refletir longamente, deu também os seus escorregões. Diz,

em "Madame Bovary", que Renault deu a Carlos em pagamento, pela perna curada, "setenta e cinco francos em moedas de dois francos", o que constitui, sem dúvida, um problema de difícil solução.

Em "Bouvard et Pecuchet", o escritor faz celebrar a missa do galo na noite de 25 de dezembro.

De Ponsou du Terrail são famosas as distrações. Lembremo-nos destas: "O general, com

os braços cruzados atrás das costas, passava a ler um jornal"; "Sua mão estava fria, como a de uma cobra". Na "Jeunesse du Roi Henri", um personagem, perdido na escuridão da noite, percebe finalmente, que se acha diante da fachada do Louvre, que foi construído duzentos anos mais tarde.

Em Zola, a distração leva-o a acacianismos, como este: "O prazer, esta sensação agradável". Alphonse Daudet, no "Tartarin de Tarascon", atribui aos árabes mandíbulas fenomenais: "Quatro mil árabes corriam atrás do camelo, descalços, gesticulando, rindo como loucos e fazendo reluzir ao sol os seus seiscentos mil dentes brancos".

Puxa, que já é dente de mais!

Iustiano. Recuava o diretor da Companhia aproximando-se das estantes, sentindo também uma inexplicável dificuldade para gaguejar.

— O que é que o sr. deseja?
Mas Salustiano não lhe respondeu; somente as suas pernas funcionavam, somente os seus dedos lembravam talos se agitando. O lábio inferior pulou para fora, também os olhos cresceram como se quisessem pular fora das órbitas.

As mãos assemelhando-se a nervosas caudas de peixes; derreadas, as orelhas escutavam aquelas perguntas.

— O que é que o sr. deseja?
Salustiano deteve-se. Se as pernas avançassem, o peito espremeria todas aquelas banhas, toda aquela enorme barriga que o robe vermelho ensedava.

Salustiano queria falar, mas as palavras que lhe ferviam a cabeça se lhe negavam a obedecer. Salustiano falaria assim:

— "Olhe, seu saco de banha, prepare-se que eu vou lhe dar uma surra". Quebra-se para fora o labio inferior, a garganta como se estivesse sufocada de gases, pois a respiração tornara-se-lhe ofegante, entretanto avacalhando seu peito, enquanto uma onda de sangue lhe queimava as orelhas.

Se pudesse, Salustiano falaria assim:

— "Vou lhe matar, ouviu? Você merece mais do que isso".

Onde estaria a sua voz? Salustiano procurava, mas o que ele ouvia era o peito roncando. O diretor da Companhia sutaria uma barrica. Descorados, desciam-lhe os braços suportando aquelas mãos sedosas, brandidas de unhas, mãos que eram pequenas para engaiolar borboletas de asas enormes. As costas do diretor da Companhia vestiram-se de vidro, estavam coladas às estantes todas as duras esquadras.

Salustiano tenta falar pela última vez. Borbulha-lhe em redor da boca uma espuma quente, toda a boca lembrando uma orla marinha. E de repente, um inevitável, uma vingança invade-lhe o corpo. As mãos de Salustiano avançam, enchem as do diretor da Companhia. As borboletas estalam, rias elas se dissolvem e nadando ficam os pelos no concavo das mãos. Porém, Salustiano não realizou o que pretendia. Ouviu muito bem que o corpo gorço lhe sussurrava e fitando-lhe aquele rosto limpo de sulcos, jogou-lhe dentro dos olhos uma fúria mesclada de vingança. Mas o pescoço do Diretor da Companhia nem fora tocado. Salustiano afasta-se, aproxima-se da janela. Limpa as mãos jogando fora as borboletas que caíam nas águas de um repuxo, ficam bolando, lembrando canoas despedaçadas, antes de afundar. Enquanto as borboletas mergulham, Salustiano solta os braços, e imóvel, fica ao meio da sala, silencioso, humilde, como se estivesse admirando os livros, calmamente admirando o diretor da companhia perder a razão.

M E D O

uma vida que se acordava com os pássaros, que se lavava de suor, enquanto os diretores da Cia. colecionavam selos, borboletas, moedas antigas! Constantino não seria o último, não se podia afirmar que morrendo o último operário de uma geração, a próxima não sofresse tanto. Salustiano esquecia-se de tudo que o cercava. Num instante a figura de Constantino enchia-lhe os olhos, enchia-os para desaparecer depressa, pois uma outra figura se engordava no volume do diretor da companhia. Depois, ambas se apagavam, vazios, os olhos distanciaram-se descendo os dois andares, cortando ruas, vencendo o asfalto das pontes.

Recife era uma cidade morta. Nem às esquinas as guardas viviam, nenhum vagabundo repousando ao relento. Canteiros dormiam as flores nas corolas fechadas e, por todas as ruas que Salustiano andou, debruçavam-se dos sobrados enormes manchas nadaavam ao longo das sarjetas pedaços de jornal, restos de manchetes mentindo na tranquilidade das

letras. As pernas não se cansavam. Salustiano não queria que elas se cansassem e cada vez mais ligeiros os sapatos pisavam outros ladrilhos. E quando eles começaram a chiar nas pedras miúdas, Salustiano os deteve. Pescou do bolso um lenço, enxugou a testa, limpou das mãos aquele visgo que lhe untava os dedos. A dez passos um palacete equilibrava-se na rigidez de umas colunas de mármore. As mãos, se quisessem, podiam arrancar para Salustiano rosas abertas e mais brancas ficarem se colhessem cravos brancos. Também podiam se azular nos flores das hortências, avermelharem-se colhendo boninas. Todavia, Salustiano não se deteve sequer um instante diante dos canteiros. Deteve-se mais adiante, não para colher flores. Deteve-se, sim, como certos homens que antes de ajustar contas, param sem saber porque. Sim, ele parou, mas não se deteve. Os sapatos não pisaram no mármore de todos os degraus. Rápidos, os pés fizeram-no chegar logo à porta.

De dentro da sala escoava-se uma nuança de azul e branco. Não se sabia bem a cor daquela luz. Sabia-se que ela era uma luz que somente os ricos a podiam possuir. Por um segundo Salustiano quisera recuar. Defronte dele subiam estantes de lombadas douradas, as paredes eram coisas verticais, suportando quadros, pratos de louça, flechas, outras velharias. No meio da sala, um mostruário. Salustiano chegara a tossir. A sua voz parecia haver se perdido em alguma cartilagem da garganta. Tentara outra vez. Nada. Defronte dele o diretor da Companhia era um robe vermelho tendo nas mãos borboletas variadas. Cuidava da sua coleção de lepidópteros quando Salustiano mostrou-lhe a face rígida, como se em pedra houvesse sido talhada. O maxilar inferior dirigia-se para a frente como um osso que houvesse avançado demais. Mais uma vez a voz se lhe negou a ecoar. O diretor da Companhia recuou um passo. Salustiano avançou meio metro. Quem principiou a suar foi Sa-

SÃO FRANCISCO

GABRIEL DE LUCENA

A primeira lágrima vertida da montanha,
No pranto singular que antecede a origem
Na mística de todos os inícios,
Veio encontrar um'outra lágrima deixada
Do último pingo da chuva...

E num abraço, tontas de saudade
Juntaram, de vez, as suas vidas,
Num corpo só, as duas almas...

E adiante, num recesso da mata,
Um'outra lágrima surgiu...
O orvalho da noite que findara,
Que escorrera da face do sereno,
Na neblina sutil da madrugada!

E juntaram, de vez, as suas vidas!
E fundiram, de vez, as suas almas!

No caminho inteiro, nessa ruga,
Outras lágrimas vieram se juntar
Ao todo que rolava na descida,
Na vertigem da soma dos esforços
Do impulso inicial!

E um dia,
Na concha aberta das montanhas,
Lá onde se tocam lado a lado
As paredes obliquas da pedra,
Rolou selvagem, impetuosa e brava,
A caudal de todos os lamentos,
Das lágrimas de todas as espécies,
No corpo agitado do rio!

E o rio se formou...
E o rio foi-se embora...

Galgou a crista dos penedos,
E estendeu a toalha branca das espumas
Na queda dos corredeiros!

E nas praias desconhecidas,
De areias amorenadas,
Dormiu silencioso e calmo,
No esconderijo confidente dos remansos.

Bebu sôfrego a candidez da lua
Nas noites virginais de plenilúnia!
É o canto dos pássaros e a cor dos flôres
E o cheiro do mato e o gosto das raízes,
E a tinta dos barrancos e o uivo dos trovões
O ruído infernal da ventania,
De tudo isto se apossou o rio
Que foge sempre sem saber de que,
Arrastado ao tropismo dos destinos!

São Francisco, rio manso,
Que rezas sempre um lamento,
Tu és a lágrima vertida
Do bojo da imensidade
Da terra do meu Brasil!

São Francisco, rio bravo,
Que saltas em Paulo Afonso,
Que rojas de mar a dentro
As águas do oceano.

Tu, liberto das selvas,
Das terras do meu Brasil,
Prende os teus pulsos, São Francisco,
A escravatura das rodas,
Na força dos seus engenhos!

São Francisco, rio manso,
Das noites enluaradas...
São Francisco, rio bravo,
Da fúria dos cachoeiras...

Prende os teus pulsos às rodas,
À força do seus engenhos,
E, um dia, ó São Francisco,
Na escravatura das águas,
Libertarás meu Brasil.

(Conclusão da 2.ª pág.)

própria voz de Constantino que continua quixosa, amarga dentro de seus cuvidos, embora quixando-se maciamente, um lamento que se dilui nas cordas do violão dizendo coisas suaves, mas todas elas bem cheias de uma suavidade triste. A claridade do céu desceu para o mundo uma poesia velha. A lua arrastava-se, o vento correndo pela cidade convidava, mas sem ninguém estavam os bancos das praças e a murada do rio era uma murada deserta.

Salustiano sente outra chunchada. A região hepática sensívelíssima. Temendo uma outra crise, ele volta para o quarto, caminhando com dificuldade de deixa-se cair na rede. Os ossos da cabeça parecem guardar caroccos de milho, cheia a cabeça do; e todo o sangue deve estar circulando nos membros inferiores. Os olhos vidrados são as partes menos amadurecidas de todo o rosto. Começam a ranger os armadores.

A rede vai, volta, torna a ir, torna a voltar para o lado do tabique. O pé direito de Salustiano ritma o embalo dos punhos. Nem o próprio Salustiano sabe quando terminará de se balançar. Lá fora, os dedos negros do condutor continuam incansáveis. O violão se estraga rompendo a música de uma modinha antiga. Salustiano, somente muito depois, percebe que está se balançando ao compasso das cordas. Também associa aquela dolência à tristeza que brotava das palavras de Constantino. Outro cigarro começa a flutuar na luz errante. Os armadores cantando cruéis-ran-ran, a música do condutor subindo mais doce, evocando, tornando a subir numa evocação trscpassada, humilde.

Salustiano não tinha nada com aquilo, mas ao mesmo tempo sentia-se culpado, um cúmplice. A pergunta feria-lhe os sentidos, maltratava-lhe a memória. "Por que demitiram Constantino?" Salustiano sentia as idéias fugirem, perderem-se no vacuo. A rede indo e voltando nos punhos retesos, o violão de música monocórdica inconsolável.

As contingências cercam, sufocam Salustiano. Nervosos, os dedos arrancam o cigarro e no assoalho, a pouco e pouco, a luz vai morrendo. A pergunta volta, avoluma-se, derrama-se de corpo a fora. "Por que demitiram Constantino?" Os pulmões se trancam, a língua completa a boca numa grossura doente, longo, o nariz duplica o canudo de carne. Aquela sua tara adormecida desabrocha com força. Salustiano sente-se preso a uma vontade que nunca lhe havia aprisionado tão rudemente. A vontade era de se vingar, vingar-se dos homens que haviam demitido Constantino. Conhecia Constantino como conhecera o outros empregados da fábrica. Nenhuma forte amizade os unia. Mas demitir empregados de nove anos e onze meses de picareta em punho, matar

UM ENIGMA LITERARIO

O CASO DO "MISTÉRIO DE EDWIN DROOD", DE DICKENS

O CASO do "Mistério de Edwin Drood", de Dickens, constitui até hoje um verdadeiro enigma literário. Seduzido pelo êxito de Wilkie Collins, que realizava uma das primeiras tentativas de romance policial, a "Dama Branca" e em outras novelas, Dickens quis mostrar como seria capaz de brilhar também no mesmo terreno, não sentindo, talvez, que isso pouco mérito lhe traria por tratar-se de um gênero indiscutivelmente inferior.

Assim, começou a escrever o romance "Mistério de Edwin Drood" em fascículos anunciados com grande rumor, o primeiro dos quais apareceu em 1870. Quando a obra se achava no meio o romancista veio

a falecer. O "Mistério de Edwin Drood" tornou-se, então, um título duplamente expressivo, porque ficou sendo também um mistério para o público o desfecho que Dickens pretendia dar à intriga policial.

Essa intriga é a seguinte: Edwin e Rosa, noivos desde a infância, em virtude de um pacto de família, casam-se quase sem amor. Edwin tem um tio, Jasper, que se apaixona loucamente pela moça, e como

é um indivíduo torpe, viciado, frequentador dos "bas fonds" londrinos, embora oculte esse lado de sua existência, não hesita em planejar o assassinato de Edwin para casar-se com Rosa. Atrai o sobrinho às imediações de uma catedral e aí o estrangula, escondendo o cadáver numa cova da cripta, tendo o cuidado de cobri-lo inteiramente com cal, a fim de que assim se consuma o corpo.

Mas como a cal não destrói

os metais, Jasper retira antes o relógio e outros objetos de metais que o sobrinho trazia consigo, abandonando-os nas proximidades de uma ponte, onde a vítima, antes do delito, tivera uma alteração com Neville Landtes. Neville é preso; as provas, porém, não são convincentes e ele recupera a liberdade. O romance ficou interrompido nesse ponto. Agora, começam as interrogações. Seria Jasper desmascarado? Sim

— é a conclusão a que chegamos pela estampa que Charles Collins, amigo e parente de Dickens, havia desenhado para a capa do romance.

Mas como se daria a descoberta do crime? Talvez por meio de um anel de noivado, oculto no bolso de Edwin, que não fora retirado, e resistira à ação da cal. Figura também no romance uma megera, proprietária de certa "fumerie" de ópio, frequentada por Jasper, personagem na qual muitos críticos viram a futura denunciante do assassino. Seria possivelmente a mãe de Jasper que, desprezada pelo filho, passaria a odiá-lo, tirando essa vingança. O certo é que até hoje o "Mistério de Edwin Drood" continua insolúvel.

CONCLUSÃO

convicção é que há necessidade de fixar preliminarmente um determinado número de questões a serem, de maneira irrevogável, preenchidos para cada biografado, bem como um certo número de determinações a serem rigorosamente obedecidas pelos colaboradores. Sem isto, as biografias estarão irregulares, alongadas em qualificativos elogiosos sem nenhum valor objetivo, cheias de repetições algumas, outras omissas de dados essenciais.

Outros problemas, de relativa facilidade, são, por exemplo, o da determinação dos elementos iniciais dos verbetes (pronúncia, etimologia, classificação técnica); a sistemática geral das abreviaturas, assinaturas de colaboradores e designação dos acrescentamentos feitos pela Comissão Central; critérios de recenseamento biográfico de pessoas vivas; critérios de registo dos nomes próprios (o biblioteconômico; o "popular", como na "Enciclopédia Italiana", dando o nome em que o biografado é geralmente conhecido; abreviamento de nomes latinos e gregos e de outras línguas ainda); o problema da bibliografia dos assuntos. Outras questões, ainda, escapam completamente à minha competência, de si tão frábil, como o da grafia das palavras que não se utilizam do alfabeto latino; tradução de palavras técnicas, etc.

TAMANHO DA ENCICLOPÉDIA — Não me é possível determinar com absoluta segurança qual o tamanho da obra que se está projetando agora. Ele depende principalmente das condições financeiras nacionais, e só mesmo com a assistência direta de um representante autorizado do sr. ministro da Educação poderá a comissão do plano básico se decidir a respeito.

Mas por tudo quando expus atrás, minha opinião pessoal é que não poderemos fazer uma "Enciclopédia Brasileira" de real utilidade e valor nacional, se a obra não somar de dez a doze volumes, mais ou menos do tipo da "Enciclopédia Britânica", contendo de mil a mil e duzentas páginas cada um.

Os volumes serão fartamente ilustrados, por todos os processos ilustrativos que tenham real validade educacional e não pesem demasiado no custo da obra. Por mim me confesso bastante cético a respeito das ilustrações coloridas. Na reprodução de obras de arte, a não ser com certos processos caríssimos e de pequena tiragem, as gravuras coloridas são muito incertas como verdade. Quando foi dos meus cursos na Universidade do Distrito Federal, fiz demonstrações aos meus ouvintes sobre a irregularidade antieducacional dessas ilustra-

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA

MARIO DE ANDRADE

ções, apresentando o mesmo quadro, reproduzido em três obras especializadas sobre pintura, de edições caríssimas. O colorido divergia sensivelmente de uma para outra reprodução. O melhor será usar-se a gravura colorida com muita discrição, de preferência em matéria científica, História Na-

tural principalmente, em que, por se usar cores primárias ou mais simples em sua composição, a reprodução consegue ser mais verdadeira.

Quanto aos processos de gravura em branco e preto, todos os modernos são mais ou menos aconselháveis. Nas páginas fora de texto, de matéria geo-

gráfica por exemplo, as reproduções de fotografias terão preferência. Nas páginas de texto, ainda prefiro a tradição conservada pela "Enciclopédia Britânica" na sua última edição, o desenho a traço. Além desta separação permitir para o texto papel mais barato e nas gravuras de pequeno tamanho

o desenho a traço ser bem mais nítido que a fotografia, é mais educativo na reprodução de objetos, de motivos estilísticos, e talvez mesmo de exemplares de História Natural. A fotografia, com seus efeitos de luz, com a esperteza de colher a coisa em seu melhor ângulo de visão, é uma deformadora sentimental. A deformação do desenho a traço é de ordem intelectual. Ele é um artificialismo, uma convenção instintiva do ser psicológico, pois aparece nas infâncias do homem, tanto entre os povos primitivos e os pre-históricos como na criança das nações civilizadas atuais. Além disso, evitando as deformações e a insuficiência de luzes e sombras, é permite demonstrar claro os elementos essenciais, traços e formas específicas da coisa. Sou francamente favorável a ele nas páginas de texto.

CONCLUSÃO — Eis o que me pareceu útil comentar neste ensaio. A "Enciclopédia Italiana" levou, em estudos preliminares e trabalhos, cinco anos para tirar o seu primeiro volume. Esperemos que da constituição definitiva do plano básico à publicação do primeiro volume, a "Enciclopédia Brasileira" demore apenas esse mesmo rápido tempo. Junto com o "Dicionário da Língua Nacional", que a completa, ela é um cometimento de enorme utilidade e patriotismo verdadeiro. Mas é também uma corajosa audácia. Há que nos cercarmos de funcionários e de colaboradores muito escolhidos — gente enérgica, fiel aos seus compromissos e capaz de dedicação apaixonada. Não será possível pedirmos a colaboração gratuita de ninguém, pelo que isto acarreta de delicadezas e irresponsabilidades.

Deveremos ainda fugir dos "medalhões", bem como dos homens já excessivamente rebrilhantes de encargos e trabalhos, na direção de comissões e subcomissões de assuntos. No geral, esses homens são já séres usados pela vida, tomados por múltiplos interesses, incapazes de dar ao cometimento que o Instituto Nacional do Livro vai iniciar, a dedicação, o tempo e também a humildade que ele exige. Quem não tiver a coragem de se sacrificar e a energia de aceitar a relativa imperfeição de uma obra gigantesca, que val, por muitas partes, abrir caminho, como a "Enciclopédia Brasileira", não poderá nunca fornecer a audácia, a rapidez, o trabalho que a empreitada exige de cada um.

Eis o que é possível informar aos leitores do "O Observador", em primeira mão, sobre o estado em que se acham os trabalhos preparatórios da organização de uma Enciclopédia Brasileira.



Ilustração de Yllen Kerr, para o livro de contos "O homem de duas cabeças", de Almeida Fischer

UM DISCURSO QUE NÃO FOI PRONUNCIADO

EMÍLIO DE MENEZES DEFENDE-SE DA ACUSAÇÃO DE BOÊMIO

EMÍLIO DE MENEZES não chegou, como se sabe, a tomar posse da sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito na vaga de Salvador de Mendonça, por ter falecido antes do dia em que se devia realizar essa solenidade. Já havia, porém, escrito o discurso de recepção que, submetido a diretoria, sofreu vários cortes por se encontrarem nele trechos aberrantes das praxes acadêmicas.

Emílio fazia alusões pérfidas a muitas pessoas, inclusive aos próprios membros da Academia, como Afrânio Peixoto. Mesmo com os cortes, o discurso continuou a ser muito pessoal pois é quase de si que o recipiendário fala, defendendo-se da pecha de indivíduo des-

regrado e boêmio que lhe atribuem.

Sendo pouco conhecido esse discurso, aqui resolvemos transcrever, para a curiosidade dos nossos leitores, precisamente o trecho em que Emílio aborda a questão da boemia.

"Quando começou haver uma quase certeza da minha eleição — escreve ele — os inimigos rancorosos, muitos dos quais só o são por coisas cuja valentia me foi emprestada, redobram de esforços demolição-

res. Boêmio e desregulado...

Boêmio e desregulado porque, nos momentos decisivos, faz o que qualquer homem medianamente digno tem obrigação de fazer.

Boêmio e desregulado, que nunca foi visto em espeluncas.

Boêmio e desregulado que, com mais de trinta anos de residência no Rio, não sabe o que seja um desses celebrados bailes carnavalescos, onde o munheco se exalta de fogo e condimenta de álcool.

Boêmio e desregulado por fazer a sua hora à mesa de um café ou de uma confeitaria trocando idéias, dizendo ou ouvindo versos e frases de espírito, como faziam e fazem ainda alguns dos que muito brilho emprestaram e emprestam às cadeiras que entre vós ocupam. Posso garantir-vos serem alegres confabulações literárias, apesar da dose de "whisky" ou da água de um côco, ou de ambos juntos, segundo a for-

mula acclita e consagrada por eminente clínico baiano, muito mais inocentes, mais inofensivas, menos demolidoras do que as reuniões de certas portas de livreria, onde uns gênios incipientes, à espera da primeira desova, enquanto não apparecem as obras nascitras se vão contentando em demolir os que já fizeram uma reputação".

E pouco mais adiante: "A esses (a Academia me perdoará o emprego de um vocábulo que, além de mau fugu, lino da nossa lingua, é da gíria só agasalhado pelo rotário polifonal), a esses "píotes" da literatura, junta-se injavel e diariamente, às mesmas horas e à mesma soleira uma classe dez vezes mais rancorosa. E' a dos velhos inéditos a força de publicidade".

(Conclusão da 4.ª pág.)

elementos dissolventes da sua tradição. O folclore não é disciplina de amor, apenas na sua pesquisa e no seu estudo, mas na salvaguarda do patrimônio popular. Esta não se faz coletando e enchendo museus, discotecas, bibliotecas, discotecas e arquivos, porque aquêl patrimônio é vivo, está na alma da gente e dentro dela é que deverá perdurar. Folclore não é arqueologia. Se devemos estudá-lo não é simplesmente para conhecer, mas conhecer para proteger e resguardar, porque a unidade das nações está mais na alma de seus povos do que nas instituições da sua política ou da sua economia.

Quando se defende com ardor o aproveitamento do folclore na educação não é para vulgarizar apenas o seu conhecimento, mas para revelar o seu valor didático e, nas escolas rurais, onde mais proveitoso se tornará, deve valorizar os conhecimentos e práticas populares, incentivar o artesanato em bases tradicionais, explicar o caráter das regiões pelo seu folclore, em suma, fazer a ligação do homem à terra. Na alfabetização e educação de adultos, em particular, que não deve ser abandonada por acarretar males, mas estes é que devem ser superados para que a idéia triunfe inteiramente. O folclore pode ser elemento ponderável, se o ensino for feito dentro da realidade de cada quadro geográfico no qual se estiver professando, o que o conhecimento da cultura popular favorecerá sobremaneira.

O folclore é disciplina de amor porque é disciplina de vida. Muita gente não consegue ver que importância possa ter uma lenda, uma quadrinha ou uma cantiga do interior. Já o avisava, em 1946, William John Thoms na sua carta famosa, criando a palavra FOLK-LORE, quando disse que tais elementos, tomados separadamente parecem triviais e insignificantes, mas quando considerados em

(Conclusão da 3.ª página)

xualidade — eis coisas intimamente conexas. Um exame cuidadoso aos valores fonéticos de uma lingua pode permitir, penso, estabelecer a identidade sexual dessa mesma lingua. Se tal estudo se fizesse, estou certo de que a lingua portuguesa, tal qual como a pronunciam os portugueses, daria mais provas de masculinidade que a lingua portuguesa tal qual como a pronunciam os brasileiros. Mais cáida mais voluptuosa, mais terna, mais molhada, mais saborosamente deglutida, infinitamente mais carinhosa, a nossa lingua, quando pronunciada por brasileiros, pelo menos para nós, ganha acentos de uma feminilidade que lhe desconhecíamos. E é por isso que encontramos na história da poesia brasileira alguns dos documentos poéticos mais sensuais da nossa lingua, e esses documentos são obras de mulheres, não de homens

FOLCLORE, DISCIPLINA DE AMOR

conjunto adquirem um valor com o qual muitas vezes nem snouhou quem primeiro os recolheu. Daí o interesse dos folcloristas pelas variantes de um dado folclórico, no tempo e no espaço. Não se trata de chinele, mas de observar os processos espirituais que as determinaram. E, nesse particular, as achegas à psicologia, à linguística, às artes, por exemplo, são consideráveis e preciosas.

Se fôsse ainda preciso justificar o amor com que se deve estudar o folclore e defender a

cultura popular, bastaria citar o seu valor como inspiração artística na musica. De há um século, desde Glinka e de Chopin, que a musica popular tem sido a mais abundante fonte de lirismo musical, quer no aproveitamento directo dos seus temas, quer no empréstimo de suas constâncias ou de suas células melo-rítmicas, quer na influência dos processos de cantar e tocar do povo, quer na criação de um clima nacional para desenvolver a criação artística. No Brasil, desde

o prenúncio de Erasílio Itiberê, em 1869, com a SERTANEJA, onde utilizou motivos de um Jandango da sua terra natal, o Paraná, seguido por Alexandre Levy e mais decisivamente por Alberto Nepomuceno, até a floração da escola moderna de nossa musica, o folclore foi o elemento, poderíamos dizer, da sua estrutura, a força mais poderosa da sua expressão e garantia da sua universalidade. E determinou ainda o estudo apurado da nossa folclórica, com os trabalhos de Luciano

SEGUNDO ANIVERSARIO DE "REVISTA BRANCA"

LETRAS E ARTES não podia deixar de referir-se ao número comemorativo do segundo aniversário de "Revista Branca", que acaba de aparecer, com oitenta páginas de texto e mais de vinte ilustrações, reproduções de trabalhos inéditos de artistas brasileiros. Marca esse fato a segunda etapa de um ciclo ininterrupto de atividade literária e artística de elevado sentido, como talvez, entre as publicações de sua categoria, não se encontre exemplo mais expressivo, não somente em virtude dessa existência regular, senão também pela posição intelectual que "Revista Branca" conquistou nos círculos mais representativos da cultura brasileira, e particularmente entre a nova geração, de que é um dos mais poderosos veículos. Ao lado do estímulo que vem proporcionando aos jovens escritores de todo o país, tem "Revista Branca" desenvolvido um programa de edições que, pela repercussão que vem tendo, inclusive no estrangeiro, como na França, Portugal, Itália e Es-

tados Unidos, bem atesta a importância de seus empreendimentos. São exemplos desse



Saldanha Coelho

êxito editorial a "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil" e a "Proustiana Brasileira". Sobre o grupo de "Re-

vista Branca", dirigida pelo contista Saldanha Coelho, figura expressiva da nova ficção brasileira, já se manifestaram elogiosamente nomes ilustres de nossas letras. Dêse grupo fazem parte: Haroldo Bruno, Bráulio do Nascimento, Fausto Cunha, Rocha Filho, Linnêo Sêllos, Alberto da Costa e Silva, Renato Jobim, e Nataniel Dantas. Com o 12.º número, adota "Revista Branca" uma posição de luta construtiva das mais avançadas, encetando por outro lado uma revisão de valores, que se inicia com o poeta Felipe d'Oliveira, estudado por Fausto Cunha. Ressaltem-se, entre os diversos artigos desse número, o trabalho de Waldá Menezes sobre a temporada teatral Renaud-Barraut e de Octacílio Alerchim sobre estudos proustianos além de criticas assinadas por Reynaldo Bairão, Nilo Pereira, Bráulio do Nascimento, Costa e Silva, e os estudos de J. P. Moreira da Fonseca e Ary Vasconcelos.

Fonética e poesia ou o "Retrato Natural" de Cecilia Meireles

Nada sensual na sua expressão, pelo menos sem sensualidade à flor da pele, muito mais intelectual do que qualquer outra escritora da nossa lingua, Cecilia Meireles, que, lida à portuguesa, sobretudo desde que os seus versos adotaram metros clássicos tratados à moderna — a rima branca e o ritmo surdo — parece sem sexo, desprendida de corpo e alma do que no corpo e na alma é frêmito terreno; desde que lida à brasileira, logo ganha corpo e alma, corpo e alma de mulher, tão muscularmente carnal é, no fim de contas, a musica dos seus versos.

Mistério que é em sua mais genuína essência, a emoção poética, se não é de modo algum, como quer André Spire,

uma emoção de raiz muscular, quaisquer que sejam as ligações entre o aparelho fonador e o aparelho auditivo, não há dúvida que não pode ser, de modo algum, o produto de uma simples impressão intelectual. Entrando pelo espírito, a poesia tem de passar, de fato, pela porta dos sentidos. E' impressionando, primeiro, o corpo, que a poesia chega à alma. Eis a razão porque a leitura dos versos de uma Cecilia Meireles não pode ser levada a cabo com inteiro proveito do leitor desde que feita inadequadamente. E' inadequada a leitura de um poeta, quando alguns dos valores mais importantes da sua expressão — os valores fonéticos, ou seja, os valores musicais propriamente ditos — foram indevidamente aproveita-

dos. Indevidamente aproveitados são, em verdade, os valores fonéticos de qualquer poesia desde que o leitor não está em condições de repetir, na sua pureza nativa, o jogo muscular que a pronuncia das suas palavras pressupõe, jogo esse verdadeira fonte originária da emoção poética.

"Retrato natural", o livro mais brasileiro, de Cecilia Meireles — assim me parece, pelo menos — não pode ser lido só com os olhos, não pode ser percebido só com o cérebro, não pode ser sentido só com a alma — tem de ser lido, percebido e sentido com os olhos, com o cérebro, com a alma, e, sobretudo, com o corpo, com os músculos que no corpo humano recebem a modelação das palavras, convertendo-as em músi-

ca, tal qual como as teclas de um piano, percutidas, reproduzem em som os sinais inscritos sobre a partitura. Se Cecilia Meireles, em "Viagem", viajava, se em "Vaga musica" ouvia pela primeira vez os sons heteroclitos de uma musica de contornos imprecisos, em "Retrato natural" auto-retratou-se, desenhando na musica própria os contornos mulheris da sua poesia, poesia que se, pela forma, pelo corpo, é mulher, pela substancia, pela alma, é homem. Um perfeito hermafroditismo eleva a obra de Cecilia Meireles àquele nível de perfeição fisiológica em que a humanidade de inteira — homens e mulheres — se sente retratada. "Retrato Natural" de Cecilia Meireles e de nós todos — eis o que é a poesia deste poeta, o caso mais notável da poesia feminina de lingua portuguesa, e um dos casos mais notáveis de poesia das letras brasileiras do nosso tempo.

Cascais
Casa do Dragão — Portugal.

Ministros acadêmicos e acadêmicos ministros

Reunido nos seus quadros alguns dos brasileiros mais eminentes, é natural que a Academia participe freqüentemente, por intermédio de seus mais nobres membros, na vida pública do país.

Entretanto, bem maior tem sido o número de memoros da Academia que, embora nela ingressando sem a investidura do poder público, têm sido chamados a ocupar altos postos na política e na administração do Brasil.

Acadêmicos outros ocuparam ainda altos postos na vida pública do país, como ministros da Suprema Corte (Ataulfo de Paiva, Pedro Lessa, Lúcio de Mendonça, Rodrigo Otávio, Anibal Freire); governadores de Estado (Otávio Mangabeira, J. C. Macedo Soares, Barbosa Lima Sobrinho); embaixadores (Domicio da Gama, Carlos Magalhães Azeredo, João Neves da Fontoura, J. C. Macedo Soares, Luiz Guimarães Filho); ministros plenipotenciários (Hélio Lobo, Ribeiro Couto); reitores da Universidade (Fernando Magalhães e

No Petit Trianon

Ministros acadêmicos e acadêmicos Ministros

DIOGENES LAERCIO

Pedro Calmon). O sr. Clementino Fraga singularizou-se por um fato único na história política do Brasil: recusou a pasta da Agricultura para que fôra convidado pelo Presidente Linhares. For aí se vê como tem sido intensa, extensa e permanente a atuação dos acadêmicos, em todos os tempos, na vida pública do Brasil.

Embaixador Carlos Magalhães de Azeredo

De volta da Europa, após uma longa ausência, chegou ao Rio o embaixador Carlos Magalhães de Azeredo. O embaixador Magalhães de Azeredo é o único fundador da Academia que sobrevive, e o seu regresso ao Brasil foi festejado no Petit Trianon com grande e unânime júbilo.

O professor Bernardo Houssay na Academia

Na última quinta-feira a Academia recebeu a visita do ilustre prof. Bernardo Houssay, Prêmio Nobel de Filosofia e membro da Academia Argentina de Letras.

Depois de tomar chá com os acadêmicos, foi introduzido na sala das sessões por uma comissão composta dos senhores

Novo livro de Luiz Edmundo

O sr. Luiz Edmundo acaba de publicar um novo livro — e um novo livro sobre o Rio de Janeiro. Ilustrado, de bela apresentação gráfica, o novo livro do ilustre acadêmico foi recebido pela crítica e pelo público com o interesse com que costumam ser recebidos todos os livros do sr. Luiz Edmundo.

Prêmios "Francisco Alves" de 1952

A Academia Brasileira de Letras torna público que no ano de 1952 concederá os seguintes prêmios:

- a) — Um prêmio de Cr\$ 10.000,00; um de Cr\$ 5.000,00 e um de Cr\$ 3.000,00, destinados a autores de Monografias sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil, que obtiverem, respectivamente, o 1.º, 2.º e 3.º lugares;
b) — Um prêmio de Cr\$ 10.000,00; um de Cr\$ 5.000,00 e um de Cr\$ 3.000,00, destinados a autores de Monografias sobre a Academia Brasileira de Letras, de Cr\$ 10.000,00 pelo conjunto de obra literária de escritor brasileiro que tenha publicado pelo menos um livro altamente recomendável, no triênio de 1947-1949.

As inscrições aos prêmios indicados estarão abertas desde 1.º de Janeiro de 1952 até 31 de Março de 1952.

Concursos literários de 1950

A Academia Brasileira de Letras torna público que no ano de 1950 concederá os seguintes prêmios:

- I — Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, de Cr\$ 10.000,00 pelo conjunto de obra literária de escritor brasileiro que tenha publicado pelo menos um livro altamente recomendável, no triênio de 1947-1949.
II — Nove prêmios de Cr\$ 4.000,00 cada um, destinados a livros inéditos ou publicados em 1949, em língua portuguesa, de autores brasileiros.
Os prêmios são os seguintes:
a) — Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, para Poesia;
b) — Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, para Romance;

- c) — Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, para Conto e Novela;
d) — Prêmio Silvio Romero, da Academia Brasileira de Letras, para Crítica e História Literária;

e) — Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras, para História Social, Política ou Memórias;

f) — Prêmio Artur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras, para Teatro;

g) — Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, para Filologia, Etnografia e Folclore;

h) — Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras, para Ensaio e Erudição;

i) — Prêmio Carlos de Laet, da Academia Brasileira de Letras, para Crônicas, Viagens ou quaisquer outros gêneros que se não enquadrem precisamente nas alíneas precedentes.

III — Prêmio Ramos Paz, de Cr\$ 2.500,00, destinado à obra original e inédita, de autor brasileiro ou português, de qualquer ramo de literatura em geral, especialmente do Brasil, dando-se preferência, em igualdade de condições, aos autores mais jovens.

"A inútil espera"

Oferecendo o novo livro no sr. Dirceu Quintanilha à Biblioteca da Academia, o senhor Peregrino Júnior pronunciou as seguintes palavras: "Recentemente premiado pela Academia, onde obteve o Prêmio Afonso Arinos (contos e novelas) com seu interessante livro "Novos Mundos em Vila Teresina", o sr. Dirceu Quintanilha é um infatigável trabalhador intelectual — e já nos dá agora uma nova obra Esta, porém, é de poesias: é o seu poema — "A inútil espera". Poeta de fina sensibilidade, de encanta pela variedade de seus ritmos e pela frescura matinal do seu lirismo.

E' com viva satisfação que ofereço à Biblioteca da Academia este delicioso livro de poemas — "A inútil espera", em que o sr. Dirceu Quintanilha confirma brilhantemente a sua bela vocação literária, apresentando-nos na plenitude dos seus dons de poeta"

UMA DAS ULTIMAS CARTAS DE JULIO DINIZ

"SEJA O QUE DEUS QUISER" — ESCRIVE O ROMANCISTA DOENTE

ATACADO pela tuberculose, quando ainda muito moço, Julio Diniz, o popular romancista português, andou por vários lugares em

busca de bom clima, fixando-se, afinal, na ilha da Madeira, onde, apesar de tudo, não conseguiu restabelecer-se.

A carta que abaixo reproduzimos é uma das últimas que figuram na correspondência divulgada do romancista. Destinava-se a um amigo íntimo, e por ela se vê o desânimo, em que já mergulhara o espírito do escritor, cujo falecimento se dava cinco meses depois:

"Funchal, 19 de abril de 1871. Meu caro Passos.

Não te escrevi nos vapores passados porque, em parte mal podia escrever e, em parte porque entendi que era melhor não carregar de sombras escuras os teus pensamentos, que eu já previa estivessem sob a influência habitual e complexa que inclina à melancolia. Creio que não me enganei muito Bom foi, pois, que não te escrevesse e talvez bom seria que ainda desta vez seguisse o mesmo exemplo.

O meu estado de saúde ia cada vez pior; sentia-me desfalecer de dia para dia e já não tinha coragem para me mirar a um espelho. A idéia da dissolução orgânica aterrorizava-me. Fiz um esforço; abracei uma das unicas medidas que me tem salvado. Mudei de residência. Deixei o centro de Funchal, procurei um quarto em um hotel inglês nos subúrbios desta cidade e onde é mais fácil passear e gozar das vantagens do campo.

Principiei a comer melhor, dei-me ao vinho fraco e forte, à cerveja, aos ovos e ao leite e consegui cor e mais força (que em parte também é febre). Dizem que vou melhor e aplaudem-me a resolução. Agora, o reverso. Na aparência, reconheço todas essas vantagens. A tosse e a expectoração continuam, porém; os intestinos estão caprichosos e de noite o calor e o suor não me deixam. Respiro pior do que respirava e canso às subidas.

Está empenhada a luta. Veremos o que resulta até 20 de

maio. Estou com a resolução de aguardar tranquilamente o outono em algum buraco dos subúrbios do Porto. E seja o que Deus quiser".

Últimas edições inglesas

MARIA EDGEWORTH — P.H. Newby e ANTHONY TROLLOPE — Beatrice Curtis Brown (Barker) — Duas novelas regionais que mantêm o elevado padrão da série "English Novelists." Naquela, o Autor nos apresenta o trabalho pioneiro de Maria Edgeworth, desenvolvendo o terreno da ficção, lançando a novela regional, iniciando a exploração literária da psicologia infantil, e permitindo às mulheres da história do livro participação relevante na vida pública.

Já em Trollope o caso é diferente. Após um período decadente, ele surge sem necessidade de propaganda para conseguir leitores. Dedicar-se, pois, a Autora, intelramnte, à crítica da obra. E' excelente o estudo de Miss Brown, mormente das novelas políticas, sendo de lamentar, apenas, a ausência de documentação biográfica.

THE BRITISH POLITICAL TRADITION — (Kaye) — O primeiro volume contém o debate sobre a Revolução Americana, de 1761 a 1783, compilado por Max Beloff; o segundo trata da Revolução Francesa, no período de 1789 a 1800, e é compilado por Alfred Cobham. Aquêles nos apresenta ambos os aspectos do grande debate sobre o direito do Governo Britânico de tributar as Colônias Americanas. O dr. Cobham revive a ampla e histórica controversia da Revolução Francesa e sua influência no pensamento da Grã-Bretanha.

SEL-GOVERNMENT FOR THE COLONIES — (Allen Unwin) — W.R. Croker interessa-se pela atitude mental da Metrópole para com as dissidências que estão se desenvolvendo nas colônias de diversos países. Focaliza acontecimentos recentes na África Equatorial Francesa, em Madagascar, e na África Oriental e Ocidental Britânica, e insiste ser a essência dessas agitações antes política do que econômica, devendo ser enfrentada como "problema de minorias".

THE MARINES WERE THERE — Sir Robert Bruce Lockhart — (Putnam) — História dos Navais britânicos na segunda Guerra Mundial, narrada com singeleza por Sir Robert Bruce Lockhart. Embora confesse que, anteriormente, "possua apenas uma idéia muito vaga das funções de um Naval", apresenta-nos um livro com algumas soluções de continuidade, mas que não empana nunca a tradição de bravura dos "Jollies", desde Arakan até às costas da Noruega.

Letras e Artes

DIREÇÃO

DE

JORGE LACERDA

COLABORADORES:

Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Alcantara Silveira, Alceu Amoroso Lima, Almeida Fischer, Alacida Sales, Alphonsus Guimarães Filho, Alvaro Gonçalves, Anibal Machado, Anor Butler Maciel, Antonio Rangel Bandeira, Ascendino Leite, Atilio Milano, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Batista da Costa, Breno Aguiar, Brito Arca, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Cristiano Martins, Ciro dos Anjos, Clarisse Lispector, Claudio T. Barbosa, Dalton Trevisan, Damaso Rocha, Dantas Moa, Dinah S. de Queiroz, Eugenio Gomes, Euryalo Canabrava, Fernando Ferreira de Loanda, Franklin de Oliveira, Geraldo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Herbert Parentes Fortes, Herman Lima, Jayme Aguiar da Câmara, João Conde, Joaquim Ribeiro, J. P. Moreira da Fonseca, Jose Luis do Rego, Jorge de Lima, José F. Coelho, Jose Geraldo Vieira, Jose Simeao Leal, Jose Tavares de Miranda, Josue de Castro, Josue Monteiro, Leony de Oliveira Machado, Léo Ivo, Ligia Fagundes Telles, Louis Wiznitzer, Lopes de Andrade, Lucio Cardoso, Luiz Jardim, Manueto de Ornelas, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mario da Silva Brito, Mario Quinana, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Novell Junior, Neil Dutra, Newton de Freitas, Octavio de Faria, Olimpio Mourão Filho, Oliveira e Silva, Otto Maria Carneaux, Paulo Mendes Campos, Paulo Ronai, Peregrino Junior, Pericles da Silva Ramos, Renato Almeida, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rourigo M F de Andrade, Roger Bastide, Rogerio Corção, Roland Corbisier, Rosario Fusco, Rubem Bifora, Santa Rosa, Sergio Millet, Servulo de Melo, Silvio Ella, Sylvio da Cunha, Sonia Regina, Tasso da Silveira, Tomotocles Linhares, Thiers Martins Moreira, Umber o Peregrino, Van Jara, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo, Willy Lewin, Xavier Placer, Haldée Nicolussi, Mietta Santiago, Guido Wilmar Sassi e Jorge Barroso Filho.

ILUSTRADORES:

Alfredo Ceschiatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Marcelo Grassmann Marciel, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luiz Jardim, Noemia, Oswald Goeldi, Paulo O Flores, Paulo Vincent, Renina Katz, Percy Deane, Santa Rosa, Van Rogger e Yllen Kerr.



Ilustração de SANTA ROSA

FUGA DOS CENTAUROS

(Tradução de A. HERCULANO DE CARVALHO)

FOGEM, ÉBRIOS DE CRIME E DE REBELIÃO,
 PARA O MONTE ESCARPADO ONDE ESCONDEM SEU
 [FORTE,
 O MÊDO OS PRECIPITA E, FAREJANDO A MORTE,
 PRESSENTEM PELO AR UM CHEIRO DE LEÃO.

ATRAVESSAM, PISANDO A HIDRA E O ESTELIÃO,
 AS TORRENTES, OS VALES E ABISMOS, DE TAL SORTE
 QUE JÁ VÊEM NO CÉU, DESENHADO, O RECORTE
 DO OSSA, DO OLIMPO OU DO NEGRO PELIÃO.

DE VEZ EM QUANDO ALGUM DA BÁRBARA MA-
 [NADA
 DE SÚBITO SE EMPINA, A CABEÇA VOLTADA,
 E NUM SALTO REGRESSA AO GADO FRATERNAL,

AO VER QUE A LUA CHEIA, A ARDER NO CÉU
 [SUSPENSA,
 ATRÁS DELES PROJETA, ESPANTALHO FATAL,
 O GIGANTESCO HORROR DA SOMBRA HERCÚLEA,
 [IMENSA.

JOSE' MARIA DE HEREDIA